



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO**

DISSERTAÇÃO

**IMAGINÁRIOS DAS MÃES-MULHERES QUE SE CORPORIFICAM NA
DANÇA DA PROFESSORA NEGRA**

Pelotas, Janeiro de 2006

RAQUEL MOREIRA SILVEIRA

**IMAGINÁRIOS DAS MÃES-MULHERES QUE SE CORPORIFICAM NA
DANÇA DA PROFESSORA NEGRA**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da faculdade de educação da Universidade Federal de Pelotas com o requisito parcial a obtenção do título de mestre em educação.

Orientadora: Dr^a.Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, Janeiro de 2006

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Vaz Peres – UFPeL

Prof^a. Dr^a. Jacira Reis da Silva

Prof^a. Dr^a. Georgina Helena Nunes de Lima – UFPel

Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo - UFPel

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, a minha professora alfabetizadora das férias de verão (1983) Maria Abib de Castro, *que despertou aquilo que estava adormecido e assustado dentro de mim. A professora que deu a arrancada inicial na minha vontade de engolir letras*, como disse: minha Mãe-dinda Neli. O meu carinho em palavras, a quem me mostrou que elas não precisam fazer doer.

As minhas Mães-dindas: Neli, Nilza, Neusa e Nilva pelo amor, carinho, dedicação...*Mães-Mulheres Inéditas* que perpetuam sua existência, nas filhas do coração...Minhas irmãs Rosi, Ida, Taís, Franciele e Luiza (pequenas adoro vocês!)

A minha vó materna Idaura pelo seu exemplo que não finda: mulher negra, vencedora, de educadora, mulher de fé...

A Mãe Neiva de quem herdei minha força e persistência... Mulher negra que não tem medo da vida... Mulher transgressora...

Ao Miguel por me fazer amadurecer como mulher, por me mostrar outros mundos...Pela sua sensibilidade e verdade...Por tudo que ainda viveremos juntos.

AGRADECIMENTOS

É impossível não agradecer, mesmo que correndo o risco de esquecer... Perdoem, mas vou arriscar!

A família de Mães-mulheres Müller e Moreira Silveira que são fundamentais na minha vida, e que me propiciaram viver esta ousadia. (os homens que são a minoria sintam-se incluídos)

Ao homem que conviveu e suportou comigo essa vida de pesquisadora. Tenho certeza que poderás suportar uma tese, né Migue. (muito sol)

A Constelação Odara muito obrigada pelo Axé e por não deixarem cair na desesperança e no cansaço...Adoro vocês Negra da...A Maritza minha professora, hoje; amiga, companheira de trabalho, mulher guerreira...Ao pai-amigo Dile, um homem sábio e de uma espiritualidade valorosa.

A Joaquina, Juca (e família vibrante deles) e Nina pela presença indispensável durante esta jornada. Obrigada pela força e torcida em todas as “fases” que vivi neste mestrado.

Ao meu amigo-professor Rogério e família pela presença amorosa na minha vida. Rogério me trouxesse o gosto e o desejo de estudar as questões que envolvem a Educação.

A minha amiga Rita orientadora da Especialização que me iniciou na pesquisa. Mulher autêntica e solidária.

Aos meus amigos de jornada de mestrado Aceves e Irapuã. Homens de beleza, sensibilidade e conhecimento. Obrigada pelo afeto e o cuidado!

Aline menina-mulher negra e amiga e colega de mestrado que acompanhou este percurso. E que *trançou* comigo as discussões étnicas-raciais em diferentes espaços. Novos *tramados* nos esperam!

Georgina mulher negra que conheço a pouco tempo, mas que admiro com o terno cultivo da amizade. De um conhecimento e determinação inimagináveis.

Jacira professora que me fez buscar o conhecimento teórico sobre as questões étnico-raciais. Mulher que acredita e faz a luta negra. Tu és uma referência para mim!

Márcio misto de *pai-professor*, foram tantas as experiências compartilhadas, que não poderia denominar de outro jeito. A barba branca é reflexo da tua sabedoria e *boniteza*. (espero que tu fiques *faceiro* de ser chamado assim).

Aos meus amigos que se reconhecem na minha história e no próprio percurso deste trabalho. *Vocês sabem o quanto eu caminhei para chegar até aqui! Percorri milhas e milhas antes de dormi...* Em alguns momentos estive sozinha, mas nunca estive só.

RITO

A grande Mãe... Nanã Burukê

Lúcia a professora-amiga-mãe que esteve comigo na jornada deste trabalho, no gestar deste abebi. A mulher feiticeira, que gera movimento com suas palavras. Mulher-menina, Mulher-força, Mulher-verdade...hoje uma das mulheres que andam comigo.

Muitíssimo obrigada !!!

Na fala, a palavra que digo ou me escapa está dita. Não há como fugir ao fato. Mas na escrita posso apagá-la, suprimi-la ou substituí-la. No ato de escrever sinto-me dono de meu próprio texto. Posso mudá-lo a qualquer momento, destruí-lo até. Quando, porém, ele ganha mundo, quando passa ao domínio público, sinto que me fugiu, emancipou-se, escapou-se, escapou de meu alcance. Uma sensação muito viva e estranha: a de só agora ver a cara de meu filho ao mesmo tempo em que dele me despeço: vê-lo cair na vida, ausentar-se entregue à indiscrição de quem não conheço, a destinos que fogem a meu controle. Talvez à chacota e ao desprezo, talvez á acolhida amiga oportunidade de ser útil a alguém. É isso que faz dramático meu ato de escrever, e cheio de surpresas, de temores e alegrias. (Marques, 2001).

RESUMO

SILVEIRA, Raquel Moreira. **Imaginários das Mães-Mulheres que se corporificam na Dança da Professora Negra**. 2006, 91 fls. Dissertação (Pós-Graduação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas.

Esta pesquisa realizou-se no programa de pós-graduação, em Educação, nível mestrado, da UFPel, na temática que trata das relações entre Educação, Imaginário e Representações Simbólicas. O trabalho trata de uma investigação autobiográfica que possui como aportes teóricos, os estudos do imaginário. As reflexões que este trabalho se propõe; às idéias-forças (MORIN,1995) que envolvem e constituem o universo feminino da mulher negra. Ele possibilitou que autora reexaminasse sua própria história, trazendo para este trabalho as múltiplas pertencas que compõem, a constituição da professora negra, a partir do olhar das mães-mulheres que com ele ajudaram a tecer na trajetória.

Portanto esta pesquisa buscou, sobretudo, desvelar a constituição da professora negra: mulher-negra, filha de criação de uma família de origem alemã.

Este desvelamento se deu a partir das narrativas das mães-mulheres que fazem parte desta trajetória. Sendo os sujeitos de pesquisa as: minhas duas mães de criação, a avó materna e mãe biológica, entretecida com o olhar da autora sujeito-pesquisadora.

É uma pesquisa de cunho qualitativo e autobiográfico, cujo material foi à memória e a reconstituição da minha história de vida.

Nessas narrativas emergiram alguns núcleos de sentido, como ressonâncias de suas falas, todas instituidoras da história da professora negra que sou. São eles: família de mães-mulheres, o espaço-casa-Igreja e o silenciamento (REIS DA SILVA, 2000).

Palavras Chave: Mulheres negras; Imaginário; Auto-biografia; Educação.

ABSTRACT

SILVEIRA, Raquel Moreira. **Imaginários das Mães-Mulheres que se corporificam na Dança da Professora Negra**. 2006, 91 fls. Dissertação (Pós-Graduação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas.

This research became fulfilled in the program of after-graduation, Education, Master Degree level, of the UFPel, in the thematic one that it deals with the relations between Education, Imaginary and Symbolic Representations. The work deals with autobiography inquiry that I possessed as you arrive in port theoretical, the studies of the imaginary one. The reflections that this work if considers; to the idea-forces (MORIN, 1995) that they involve and they constitute the feminine universe of the black woman. It made possible that author reexamined its proper history, bringing for this work the multiple belongs that they compose, the constitution of the black teacher, from the look of the mother-women who with it had helped to weave in the trajectory. Therefore this research searched, over all, to a lot of trouble the constitution of the black teacher: woman-black, foster child of a family of German origin. This to a lot of trouble gave from the narratives of the mother-women who are part of this trajectory. Being the research citizens: mine two mothers of creation, the grandmother maternity and biological, sadden mother with the look of the author citizen-researcher. It is a research of qualitative and autobiography matrix, whose material was the memory and the reconstitution of the my history of life. In these narratives some nuclei of direction had emerged, as resonances of its you speak, all institutors of the history of the black teacher who I am. They are they: family of mother-women the space-house-Church the silent (REIS DA SILVA,2000)

Key words: Thhe negro woman; The Imaginary; Auto-biograf; Education;

SUMÁRIO

1	AGÓ: PEDINDO LICENÇA E ADENTRANDO NO TEMA	11
1.1	AWA BI :mulheres que andam comigo.....	15
1.2	Meu abebi – filho nascido com dificuldade	19
2	REFERENCIAIS TEÓRICOS: como fios que tecem meus retalhos	22
3	TECENDO OS RETALHOS: UMA METÁFORA METODOLÓGICA.....	27
3.1	Reminiscências das Mães-Mulheres–Professoras	32
3.2	Matriciamentos na professora.	33
3.2.1	Tempo presente chama o passado	35
3.2.1.1	Narradoras de mim.....	45
4	EU NELAS ELAS EM MIM: COMO ELAS ME AJUDAM A TECER.....	61
4.1	Família de mães-mulheres	62
4.2	O espaço-casa Igreja como lugar de encontro	72
4.3	Silenciamento	75
5	IMAGINÁRIO DAS MÃES-MULHERES QUE SE CORPORIFICAM NA DANÇA DA PROFESSORA NEGRA	80
	REFERÊNCIAS.....	86

1. AGÓ¹: PEDINDO LICENÇA E ADENTRANDO NO TEMA

Começarei pedindo licença aos ancestrais e, sobretudo, às mulheres negras que vêm me constituindo, permitindo assim minha ousadia ao colocar a minha própria história em estudo. De imediato esclareço ao leitor que esta licença se objetivará em duas escritas: uma expressa em palavras e outra expressa através das fotos-imagens².

Através desta palavra, trago a ancestralidade para dentro deste projeto e peço licença aos negros e negras. Nela de certo modo vou remetendo à nossa Mãe África, a nossa afro-descendência. A mãe África de que aqui falo é o berço de todos as negras e negros e talvez de muitos brancos... Tenho como olhar minha condição de mulher-negra determinada pela cor de minha pele, que marca o meu corpo, um corpo de negrura e de meus ancestrais. Trazer aqui o continente africano como referência de Mãe é, na minha visão, um compromisso com uma história negada, pouco trazida para os campos de discussões e de produções do conhecimento. Desta forma, me filio às idéias de Pereira (2004:2) quando se refere ao tema, a necessidade de conhecermos nossas origens para ampliação de nossas consciências, e assim mudar o domínio de nossas ações. Diz ele:

Conhecer as origens é fundamental para ampliação da consciência social e histórica do povo brasileiro. É necessário também questionar as distorções geradas no imaginário social pela hegemonia do pensamento social das elites, que nega ou menospreza o aporte de matrizes africanas na formação da nacionalidade.

Considero que o continente Africano é o grande útero da humanidade, de filhos que não o reconhecem, porque não se reconhecem. Vivemos por muito tempo

¹ Agó da língua Yorubá quer dizer, dá licença quando grifado com acento agudo.

² Reviver a sua própria vida é buscar velhos guardados, trazer imagens da memória. Com certeza um processo de busca intensa, que muitas vezes me deixou sem fôlego. Mas fui mexendo e remexendo...Percebi que havia poucas fotos-imagens, mas estas são lembranças...E lembrar é sentir. Lembranças minhas, lembranças nossas: das mulheres desta pesquisa.

As fotos imagens estão divididas em núcleo de sentidos, mas podem dançar de diferentes formas e sentido nas mãos de vocês. Elas são fotos-imagens de um passado-presente no ato de recordar.

com distanciamento deste continente, talvez em decorrência de uma visão, de um ponto de vista dos estudiosos que lá estiveram.

A África³ de hoje é muito desconhecida por nós. Nesse sentido, nos remete a pensar que a desconhecemos, como podemos ser estranhos a nós mesmos. A continente África é o berço da primeira diáspora humana, útero da humanidade que se espalha, se transforma... É uma Grande-mãe desconhecida como as inúmeras mães-mulheres deste Brasil.

Os fios ainda se cruzam e confundem o vivido e o ainda não vivido, de algumas Mães-filhas-mulheres (como no meu caso). De alguma forma os novos e velhos fios tecem a história das vidas e recriam, re-significam sua própria vida.

Hoje, quando falo das Mães-mulheres, em especial das negras que vivem na invisibilidade para que possamos emergir mais fortes, mais senhoras de nosso corpo negro, o que move este universo feminino, nos embalas, nos braços, no ventre... quando escrevo, enuncio no título deste projeto: **Imaginário das mães-mulheres que se corporificam na dança da professora negra**. A dança remete à prática corporal e cultural, sobretudo como reinvenção simbólica de nossas vidas.

E porque mães-mulheres? Este tema é tão provocativo e sedutor, porque diz respeito ao feminino, que em minha vida é composto por mães-mulheres, negras e brancas, que me embalam em seus braços. Somos uma legião de mulheres! Sou filha adotiva de quatro irmãs de origem alemã e solteira. Nasci em um lar onde os homens já haviam morrido ou não se fizeram presente neste último caso, falo de meu pai. Passei minha vida inteira convivendo com mulheres, não tive e nem tenho homens como referência. Os homens são de passagem! As mulheres presentes em minha vida foram e ainda são representantes de dois tipos de imagens maternas e paternas, ou seja, elas exerceram os dois papéis: afeto e provisão.

Assim, nesta pesquisa autobiográfica, reescrevo a minha história para me reconhecer a partir das narrativas destas mães-mulheres. Trago para o palco acadêmico mulheres de minha íntima relação, minha madrinha de batismo, Neusa e minha madrinha adotiva, Nelza. Apresento-as desta forma, porque quando pequena

³Para alguns, a palavra África provém do nome do povo Afrig, que vivia na região ao sul de Cartago. Afriga ou África designa então o país dos Afrig. Segundo outros, África era um nome de uma deusa cujo culto era popular na região atualmente chamada Maghreb. Uma outra hipótese pretende que as palavras nasceram da deformação do latim aprica, quer dizer “com muito sol”, ou do grego aprike, que significa “isenta de frio”. A origem do nome do continente foi procurada até na raiz fenícia faraga, que sugere a idéia de separação, de diáspora. A existência dessa mesma raiz numa língua africana como o bambara poderia induzir uma conexão audaz com o fato de África, berço da Humanidade, ter sido também o ponto de partida da primeira diáspora humana (KOUDAWO, 1992, p. 73).

as três irmãs de minha dinda de batismo, Neusa, me adotaram como afilhada: dinda Nilzinha, dinda Nilva e dinda Neli (apelido dado a Nelza). Escolho apenas estas duas Neusa e Neli devido ao maior tempo de convivência, com quais morei até minha vida adulta. As outras duas narrativas são de minha Vó Idaura, minha mãe Neiva com as quais pouco convivi. Hoje, com a vontade de saber sobre a minha vida, busco as minhas próprias lembranças, os fatos, os rituais de passagem, os espaços e lugares importantes que matriciaram a professora negra. Desse modo, me autorizo a fazer deste trabalho de dissertação reflexão científica, tendo como referências as mães-mulheres negras e brancas. Tudo isso porque:

As fontes genuínas de conhecimento sobre as mulheres negras somos nós mesmas [...] não somos apenas fonte de conhecimento sobre nossa condição: muito mais, somos agentes de conhecimento [...] (SILVA, 1998. p. 7).

Cabe dizer que venho buscando estas fontes genuínas... Esta escrita tem marcas, rastros, vestígios do trabalho realizado na especialização. Faz parte do meu percurso de estudos. Por isso, agora, tento problematizá-la no mestrado sob a ótica de minha própria história.

Nesta pesquisa autobiográfica espero ter construído e abrigado um lugar de “nossas muitas vozes” – vozes de mulheres, de seus imaginários -- que falem nas palavras aqui escritas; nos corpos das mães-mulheres sobre a professora negra...Quando falo na professora negra, trago a questão étnica para dentro da discussão. Sou uma mulher negra. Assim, penso no legado de escravidão, nas mordanças, nas amarras impostas e na vontade de silenciamento por parte da cultura ocidental. Portanto, esta licença pretende-se objetivar no meu questionamento inicial e que acompanha a construção teórica desta dissertação: **Como as mães-mulheres em mim, estão (re)significando minha vida?**

Quando faço este questionamento, está implícito em meu pensar o entendimento de que a escravidão no Brasil foi palco de muitos embates, conflitos, ações-articulações e estratégias. Negras e Negros se rebelaram de diferentes formas à escravidão. A passividade e a submissão, que muito tempo foi colocada, era a imagem que tínhamos sobre nós mesmas. Penso que isto seja uma das tantas falácias, as quais revelam apenas um olhar sobre a história contada pelo colonizador. Pereira (2004) se refere à necessidade de descolonizarmos nossas consciências, ao remeter aos estudos que envolvem a africanidade, em específico a

história da África... Acredito na pertinência de suas indicações em minha história, especialmente pela satisfação de descobrir como constituo minha identidade complexa, mulher, negra, filha de criação de mulheres brancas, professora. Percebo minhas múltiplas pertencas, de corpos negros e brancos! Hoje me permito através de uma escrita autobiográfica desvelar um pouco de nossa história étnica a partir de minha história, trazendo para academia esta complexidade humana. O individual para se pensar o coletivo e plural. Não há mais lugar para pensar a afro-descendência de maneira simplista, sem inter-relações...busco para elucidar minha idéia as palavras de Achebe (1982) em sua entrevista dada a Appiah (1997):

É verdade, é claro, que a identidade africana ainda está em processo de formação. Não há uma identidade final que seja africana. Mas, ao mesmo tempo, existe uma identidade nascente. E ela tem um certo contexto e um certo sentido, Porque, quando alguém me encontra, digamos, numa loja de Cambridge, ele indaga: "Você é da África? O que significa que a África representa alguma coisa para algumas pessoas. Cada um desses rótulos tem um sentido, um preço e uma responsabilidade". (ACHEBE in APPIAH 1997,p.241)

Esta dissertação quer ser produto da professora negra que se pronuncia e sai do silenciamento (REIS DA SILVA, 2000), se manifestando diante dos rótulos e os sentidos que se expressam no racismo e na discriminação se revelam.

Parece que a sociedade não ouve, e nega as falas das nossas histórias e de nossos corpos negros; uma tentativa de silenciar os gritos, amordaçando nossas "bocas". Penso mais do que nunca, que, pelo meu corpo passa este buscar acadêmico. Entendo o lugar do corpo, como "reservatórios e motores" (MACHADO DA SILVA, 2004) de uma existência paradoxal. Do corpo emergem as atitudes, os gestos, as marcas da (com) paixão, mas também do corpo emergem o inverso... Resgatando o autor citado, o imaginário é reservatório, e em meu corpo ficam as imagens, os sentimentos, as lembranças. Vidas que estão e passam por mim e este mesmo corpo movimenta de forma dinâmica, ordenada e desordena estas imagens, provocando novas danças, constituídas de velhos e novos movimentos. O dançado-vivido e o dançado- imaginado. Um bebendo do outro a todo o momento.

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. (MACHADO DA SILVA, 2004, p.12).

Nós mulheres, neste caso, eu que sou uma mulher negra, não pedimos para sermos eternas, mas apenas para não ver nos nossos atos e nas nossas representações a vida perder subitamente o seu sentido que é, simultaneamente, simbólico e político. Também por isso, neste projeto de pesquisa, desejo re-visitar estas mulheres que me habitam e que tem feito de mim o que estou sendo.

1.1 AWA BI⁴: mulheres que andam comigo

Axé é força vital, energia, princípio da vida, força sagrada dos orixás. São as pedras e os ferros dos orixás, suas representações materiais, símbolos de uma sacralidade tangível e imediata. Axé pela imposição das mãos; pela saliva, que com a palavra sai da boca; pelo suor do rosto, que os velhos orixás em transe limpam de sua testa com as mãos e, carinhosamente, esfregam nas faces dos filhos prediletos. Axé se ganha e se perde. (PRANDI, 2001, p.50)

Essa citação está compondo a minha escrita pela necessidade de Axé em meu trabalho.

Neste momento recorro e trago para palco um mito africano, Nanã Burukê⁵ a Grande-Mãe na mitologia africana, para refletir o percurso destas mães-mulheres em mim. Trago-o para a academia, porque essa mitologia tem ficado no esquecimento, talvez porque carregue uma carga de estereótipos pejorativos, uma vez que pouco se sabe sobre suas histórias. A mitologia africana sempre me causou estranheza com fortes pitadas de curiosidades. E, nos últimos anos, tenho pensado e buscado leituras e autores que possam me auxiliar neste trajeto de descobertas. Esta escolha se caracteriza pela busca de minha ancestralidade africana, pelo desejo de “olhar” para minha africanidade. O acesso ao conhecimento e a minha história étnico/racial me fizeram querer e me reconhecer como uma mulher negra. E, trago-a como anúncio da minha africanidade. Então, Nanã Burke entra no meu trabalho na

⁴ Significa: nós nascemos em Yorubá.

Nanã fornece a lama para a modelagem do homem. Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá. De fazer o mundo e modelar o ser humano. O orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho-de-palma, e nada. Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com ibiri, seu cetro e arma. E de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama. O barro do fundo da lagoa onde morava ela. A lama sob as águas, que é Nanã. Oxalá criou homem no barro. Com o sopro de Olorum ele caminhou. Com ajuda dos Orixás povoou a Terra. Mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar a terra, voltar à natureza de Nanã Burucu. Nanã deu a matéria no começo/Mas quer de volta no final tudo o que é seu. (PRANDI, 2000, p. 218).

condição de imagem arquetípica da Mãe. Muraro (2002, p. 36) faz também esta referência, “no caso do mito africano à mãe arcaica de Oxalá e de todos os Orixás é Nanã Burukê, que gera a todos sozinha”.

Trago desta maneira uma visão diferente sobre o mito da criação do que nos foi apresentada pela vida toda e que reafirmaram valores patriarcais⁶ para esta sociedade. Assim, estou trazendo para este espaço, um pensar a organização da vida humana de valores, onde as mães-mulheres tenham voz e visibilidade que lhes é de direito. Muraro (2002, p. 70) me apresenta esta questão, da seguinte forma:

O mundo é criado por um deus único e todo poderoso, onipotente e onipresente que controla todos os seres humanos em todos os momentos de sua vida. E aqui entramos no mito-judaico-cristão, a base de nossa civilização atual. E o mito judaico-cristão é o mito dos que crêem e dos que não crêem nele, dos antigos e dos modernos, porque o mito não é aquilo que ele diz, mas a estrutura psíquica que ele produz.

Dessa forma a mitologia me despertou para outras formas de pensar o mundo, diria, a humanidade. Isto é percurso longo até a chegada deste momento. É a combinação do vivido no contexto familiar e o despertar sobre a cultura africana, a partir das aulas de dança da professora de Educação Física Maritza, hoje amiga e companheira de trabalho na Ong-Odara. Desta forma, considero importante ressaltar que este interesse pela mitologia e pela temática étnico-racial negra, vão tomar parte de minha vida. Há quatorze anos (1991) vivo a dança afro-brasileira. Inicialmente foi uma curiosidade descompromissada, pois a escola onde estudava oferecia aula de dança no turno inverso ao que freqüentava. Então fui ver juntamente com minha amiga de infância como seria participar de um grupo de dança. Éramos muito quietas, nos apoiávamos para viver novas descobertas.

Eram ditas muitas coisas nas aulas, como: “a dança conta a nossa história, dançar de pés descalços significa contato com a energia da terra, negro escravizado, os negros construíram o Brasil (...)” Inicialmente eu queria aprender a dançar, só isso. Não tinha percepção do significado da dança, na forma como acredito hoje, e nesse sentido me encontro com Marques (1996, p. 20), ao se referir ao corpo e seu poder.

⁶ É a palavra, o patriarcado que quer fazer da dominação masculina um fato “natural” e biológico. E o patriarcado é de tal modo hoje uma realidade bem-sucedida que muitos não conseguem pensar na organização da vida humana de maneira diferente da patriarcal, em que o macho domina de direito e de fato. (MURARO, 2002, p. 61).

Há alguma coisa no corpo que pode se revoltar contra o poder que o inscreve. Ele manifesta a dialética entre nosso mundo interior e exterior e, portanto, guarda consigo as memórias de nossas experiências de vida. O corpo como algo que guarda conhecimento de vida fornece material básico do qual começamos fazer nossa existência ter sentido.

Não sei que dia, ou hora, ou mês, mas no fundo da aula não ficava mais, nas laterais, pelo meio, lá estava eu. As músicas diziam coisas interessantes sobre os negros, conseguia entrar no ritmo, era o meu ritmo. Movimentos de tronco, pernas flexionadas, de quadril, pés descalços, e eu conseguíamos fazer, o grupo conseguia fazer. Éramos todos do grupo de dança afro-brasileira da escola: negros, brancos, gordos, baixos, filha do professor, filha da servente. Éramos o grupo de dança da escola. Conrado (1993) acredita na possibilidade de afirmação da identidade negra aqui no Brasil através da dança, numa espécie de reconstrução da identidade social que foi deturpada no momento da colonização. A autora considera que:

A dança na escola tem importância nesse momento de discussões, reflexões e reformulações de códigos, conceitos e práticas educacionais. Sabemos que é parte das culturas ameríndia e negra, a educação e conhecimento através dos contos-mitos, das danças, músicas, religião, e por herança, são traços da sociedade brasileira. (CONRADO, 1993, p.33)

Meu interesse pela dança afro-brasileira cresceu de tal forma, que hoje sou formada em Educação Física e trabalho em uma Organização Não Governamental Odara, Centro de Ação Social, Cultural e Educacional. Onde temos como um dos elementos agregatórios, como digo, fator de sedução de jovens e crianças, a dança afro-brasileira.

Na escola sempre gostei das atividades que envolvessem o movimento corporal. Adorava as aulas de Educação Física, os professores. Acreditava que ao cursar Educação Física teria possibilidade de trabalhar com dança, em específico com dança afro-brasileira. Não consegui suprir minhas necessidades no espaço de formação, mas fui em busca de cursos, livros, oficinas e, sobretudo, vivências.

A partir dessa minha experiência com dança afro-brasileira, foram surgindo oportunidades de ministrar oficinas/vivências em encontros universitários e trabalhar em academias da cidade. Quando vi já era professora de dança afro-brasileira.

Desta forma, a relação que faço com a mitologia africana emergiu a partir da dança afro⁷-brasileira, através de uma dissertação que chegou em minhas mãos do

⁷ Representações Sociais da Cultura Negra através da Dança e de seus Atores.

professor Edilson Fernandes, no ano de 1996 na cidade de Uberlândia, onde participava de um Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física. Como coordenador de um grupo de dança afro-brasileira desta universidade escreve que:

A mesma dança que era ritualizada no contexto religioso, produzida junto ao conhecimento mítico, irá, posteriormente, refletir-se como uma expressão artística, a partir da percepção de alguns professores e dançarinos, principalmente nos meados da década de 1960 em Salvador e no Rio de Janeiro (FERNANDES, 1995, p. 5).

Essas palavras ficaram muito tempo ressoando em meus pensamentos. Como professora de dança afro-brasileira fui impulsionada a buscar informações sobre o conhecimento mítico, que se potencializa na minha entrada nos estudos do Imaginário. Mesmo tendo levado algum tempo, aqui estou eu, estudando e pensando sobre esse elemento constitutivo deste segmento da dança, mas ele deve ser pensado como conhecimento e visão de mundo. Conhecimento que dá corpo e movimento à história de meus antepassados e que vem assumindo diferentes variações e estilos, contando “história” a partir do corpo.

Desta forma problematizo “as diversas interfaces que constituem a dança professoral de mulher negra” (NUNES, 2005). Assim neste trabalho vou tratar sobre a problemática das mulheres afro-brasileiras em inter-relação com as mulheres brancas, porque acredito na importância de trazer a minha própria história de filha negra criada por mulheres brancas.

Nesse sentido, a discussão central é a da mulher afro-brasileira que, na minha história, está marcada pela cor de minha pele e pela busca de conhecimento e autoconhecimento, que pressupõe a presença de mulheres brancas. Nesse olhar, sobretudo, nessa busca arcaica sobre este conhecimento ancestral, me remeto novamente ao mito de Nanã para pensar a imagem da Mãe. Uma mãe que sai das entranhas da terra e faz da terra a sua criação, a humanidade.

1.2 Meu abebi – filho nascido com dificuldade

“As palavras nunca são inocentes, inofensivas.” (MARQUES, 2001, p. 35).

No decurso da minha história encontro ressonância dessa filha nascida com dificuldade pela condição étnica e social. E esta escrita também assim o foi, as *imagens-lembranças* (PERES, 1999) de minha vida com minhas mães-mulheres que vieram a tona provocaram movimentos de medo com ousadia a todo o momento.

A possibilidade de escrever e perceber na produção escrita, identificar-se com as palavras, é um exercício de quem, mesmo com medo, não teme ousar. Sou alguém concreto, que tenta transpirar as vivências, os desencantos e os sonhos em formas de palavras. Sonho nosso de cada dia, de certa forma expressa na música de Milton Nascimento, na sua música “Clube da Esquina 2”:

Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem...

Assim foi numa conversa de bar com aquela amiga de anos, (quando a gente se encontra sempre tem o que dizer e antes de dizer qualquer coisa... o abraço é a primeira palavra) onde compartilhávamos sonhos. E falávamos então da intensidade com que vivemos e como o sofrimento e o amor se confundem em nossas vidas. Nos reportávamos ao exercício da docência, às nossas relações afetivas e à nossa vida acadêmica.

Percebo que não conseguiria pensar um “viver acadêmico” durante dois anos, senão a partir daquilo que me perturba, me desordena, e assim quero coreografar este percurso chamado mestrado.

Após esta conversa, sou impulsionada ainda mais a escrever. Então faço um apanhado e refaço minhas escolhas, vou para o computador e compulsivamente começo a escrever para seleção do mestrado. O meu projeto inicial era estudar a trajetória de vida de algumas mães da Organização Não Governamental Odara.

Ao longo das orientações coletivas e individuais, vou e vamos percebendo que a minha escrita para o projeto de qualificação apresenta um perfil autobiográfico. Assim, decido viver este período investigativo fazendo um re-visitar de minha própria história. Acredito que “a única certeza que tenho é que a minha

vida intelectual é inseparável da minha vida” como diria Morin (1995, p.10) e ele mesmo acrescenta:

Não escrevo de um modo que me subtrai, a vida, mas sim no âmago de um turbilhão que me implica na vida. Nietzsche dizia: Pus sempre nos meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa... Ignoro o que possam ser problemas puramente intelectuais.

Assim vejo, ao escrever, que falar da minha história e falar de mães-mulheres de certa forma estava seguindo a projeto inicial, só que com outra metodologia e um olhar para as minhas entranhas. Fico com idéia de Marques (2001, p.15), quando se refere ao ato de escrever: “é, por isso, boa essa idéia de quem “quem quer acha”: quando temos na cabeça um assunto, em toda parte topamos com referências a ele.

Ao escrever fui percebendo que as mães-mulheres de minha vida e eu mesma não somos fragmentos, partes descoladas e, sim, mulheres que andam comigo, vozes a serem ou-vidas. Falar a partir da minha história é bastante doloroso, um desafio de se pensar, refletir a sua própria vida e vasculhar os porões da memória de si (REIS DA SILVA, 2000)⁸.

As lembranças...A minha avó...Sua inteligência de viver, sua religiosidade e sua perseverança. Mulher dotada de um bom humor! Mulher negra que sozinha cria duas meninas e um menino, em meados da década de 60. Minha mãe, minha separação dela, as dificuldades... E eu mesma: jovem negra professora, criada por uma família de origem alemã que amo muito, onde somos dez mulheres. (em capítulos posteriores descreverei melhor este fato).

Portanto, o que move esta filha nascida da dificuldade, neste trabalho é a necessidade de me conhecer em minhas *idéias-forças* (MORIN, 1995, p. 9). E como salienta o autor:

Deixará de querer definir-me em oposição a outrem, queria conhecer-me nas minhas idéias-forças. Senti progressivamente a necessidade de saber como e porque acredito no que acredito, como e porque penso como penso e no fim de contas, de reexaminar o que penso nas suas próprias raízes.

Então, numa tentativa de compor a minha própria colcha de retalhos, a exemplo do filme Colcha de Retalhos, do diretor Jocelyn Moohouse, faço e refaço este meu ‘trajeto antropológico’ (DURAND, 1989), buscando o ancestral em mim

⁸ Expressão utilizada no parecer na banca de qualificação.

mesma. É desdobrar minhas próprias dobras, é viver em um corpo-labirinto, é pousar a dúvida em sua própria existência, é um duvidar das certezas, e ver no óbvio o inusitado. É ver-se em pleno tear de sua colcha, sendo a colcha e a artesã. A seguir, trago os referenciais teóricos que sustentam a discussão que apresento.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS: COMO FIOS QUE TECEM MEUS RETALHOS

Pois é, escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversa e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde. (MARQUES, 2001, p.13).

Este capítulo da minha dissertação é o desafio de conversar com os estudos e enfoques sobre o Imaginário. Ele será a força para a sustentação teórica do meu trabalho, onde quero encaminhar este trajeto micro-antropológico com impulso poético e a sustentação de um corpo científico que não deixou de ser poético - o corpo da mulher negra que vem coreografando a sua vida. Nesse sentido entendo que o imaginário é:

Altamente cotidiano e a gente nem fica sabendo, pois, a maior parte das coisas que fazemos na vida, nós não sabemos o porquê, mas quase tudo que a gente faz é força de um Imaginário[...]. Todo o imaginário é real e todo o real é imaginário. Todo o Imaginário é real significa que não existem Imaginários que não sejam partes de uma realidade, de uma história, de um acontecimento, de uma vida. Nesse sentido, todo Imaginário é uma realidade, todo Imaginário é concreto. (MACHADO DA SILVA, in PERES, 2004, p. 20).

As reflexões aqui contidas dizem respeito aos aspectos autobiográficos, às *idéias-forças* (MORIN, 1994) que envolvem o universo feminino da mulher negra criada por mulheres brancas. A entrada no campo do imaginário, com este tema, diz respeito à possibilidade de uma leitura que amplie, ao mesmo tempo em que faça emergir as imagens dessas mulheres em minha vida, que me são familiares e *matriciaram* (PERES, 1999 e 2004) minha trajetória como mulher-negra-professora. Tenho percebido que tais imagens foram tecidas nesta teia arquetipológica, a qual tem mostrado que em mim, como em toda mulher negra, ecoam vozes do passado, da ancestralidade africana, que se presentificam nas nossas ações cotidianas: nos rituais, na dança, na corporeidade, no trabalho e no amor. Pensamos que estas

interfaces habitam essas mulheres e, sobretudo, sustentam saberes e fazeres, que muitas vezes ficam no esquecimento. Para tentar apreender tais imagens, buscou-se empreender uma pesquisa do tipo qualitativa, com um forte viés autobiográfico. O intuito principal será captar as *idéias-forças* que movem minha história de vida, focando as muitas mulheres que me habitam: da minha Vó à minha mãe e a inter-relação com minhas mães-dindas brancas. Nessa investigação busco compreender a trajetória da mulher negra que sou, bem como desejo instaurar a “leitura da riqueza do manancial simbólico e prene de sentidos míticos”.(PERES, 1999). Entendo que tais símbolos e sentidos podem colaborar para um outro enfoque sobre a discussão étnico-racial na escola, contestando as representações e os estereótipos que estão colados em nossa história, a partir de uma visão eurocêntrica que não respeita e nem compreende as diferenças.

A porta de entrada para esta busca de conhecimento, como disse anteriormente foi à dança afro-brasileira. Assim quando me refiro a dança neste trabalho trago-a como metáfora poética, científica e artística de corpos em movimentos político-social de celebração à vida. A participação no grupo de dança potencializou as imagens, as falas, o cuidado de afirmar e valorizar minha origem étnica por parte das minhas mães-dindas, expresso pelo trançar, pela admiração pelas mulheres de minha família, congregados pelo carinho pela minha Vó. Saberes coletivos que emanam dos corpos; mulheres-mães na professora na negra. Saberes em invólucros propulsores dessa reflexão acadêmica. Machado da Silva (2003) expressa a sua idéia sobre arte, que de certa forma acolhe meus pensamentos, nesta arte de dançar a vida...E o percurso de meus estudos.

A arte está dentro daquela lógica heideggeriana, de fazer vir. É arte aquilo que se desvela, que revela, que faz emergir, ou seja, aquilo que traz da sombra algo que está escondido, aquilo que arranca da familiaridade, aquilo que por ser familiar nós não estamos vendo. A arte é essa capacidade de provocar, de interpelar, de fazer com que o familiar seja interpelado e convertido em algo estranho, que finalmente nos toque os sentidos; o resto é pura identificação que não produz efeito nenhum, e passa. Arte é uma questão de ponto de vista, no sentido de interpelação do nosso olhar (MACHADO DA SILVA, 2003, p. 33).

A dança foi e é o lugar do meu pronunciamento e re-ligação, do meu corpo silencioso. Ela propiciou um olhar atento para o meu corpo negro, como se me chamasse para mim mesma. Minha busca étnica está entrelaçada com o meu envolvimento no grupo de dança do Colégio Municipal Pelotense. Portanto, a

experiência corporal me movimenta a cada dia para pensar e escrever o meu vivido. Daí a idéia do título: Imaginários de mães-mulheres que se corporificam na dança da professora negra. Reafirmo as premissas da minha especialização:- Sou um pouco do que vivi e do não vivi. Não quero lamentar, quero fazer história. (SILVEIRA, 2000, p.1).

Para pensar este movimento, me ancoro em Peres (1999, p. 137), quando diz a partir de Bachelard que: “o conhecimento científico e o poético são reabilitados um no outro”. A partir da epistemologia de Bachelard, a autora vai inferir que:

O fomento dos devaneios não são retroativos, mas sim que ele se alça dinamicamente aos cumes da experiência humana, fora do alcance da mensuração científica, embora eleve a ciência a um novo patamar. (p.137).

Tenho percebido que as imagens de minha vida foram tecidas numa colcha de muitas cores. Elas se presentificam nas nossas ações cotidianas: nos rituais, nas danças, na corporiedade, no trabalho, no conhecimento e no amor. Como diz minha orientadora (PERES, 1999, p. 21) em sua tese sobre mulheres professoras: “penso que essas interfaces habitam essas mulheres e, sobretudo, sustentam saberes e fazeres, que muitas vezes ficam no esquecimento”.

Ancorada nas leituras de Porto (2000, p. 21) ao referir-se aos estudos do Imaginário e da Cultura, percebo que:

O Imaginário se expressa em sistemas e práticas simbólicas, ou seja, em produções imaginárias como o mito, os ritos, a linguagem, a magia, a arte, a religião, a ciência, a ideologia, as formas de organização e as demais atividades e criações humanas, cuja função principal é encontrar modos de enfrentar a angústia original decorrente da consciência do Tempo e da Morte.

Na intensidade das agruras, da doçura e no gosto amargo que busca ou complementam um outro sabor, procurarei apoio em Bachelard (apud PERES, 1999, p.137) quando diz: “Cumprir, pois, mostrar a luz recíproca que vai constantemente dos conhecimentos objetivos e sociais aos conhecimentos subjetivos e pessoais e vice-versa”.

A partir dos autores Morin (1994) com o seu conceito de “idéias-força”, Peres (2004) com “matriciamentos” e Machado da Silva (2003) com “reservatório/motor”,

assumo estas escolhas para encontrar e juntar os retalhos de minha colcha⁹, que compuseram minha vida. Portanto, faço uma pesquisa autobiográfica pela via das narrativas das mães-mulheres que compõem a minha vida.

A pesquisa (auto) biográfica é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significados, em que o sujeito se desvela, para si, e se desvela para os demais. Produzir pesquisa autobiográfica significa utilizar-se do exercício da memória como condição *sine qua non*. (ABRAHÃO, 2004, p.202).

Percebo que o momento das palavras escritas evoca neste trabalho vidas e obras. Elas aguardavam um tempo, onde eu pudesse tocá-las, percebê-las dentro de minha possibilidade e neste momento construo minha metodologia.

A escolha de fazer uma pesquisa autobiográfica, subverte a ordem instituída: a da não neutralidade e a do não distanciamento. E percebo que devo exercitar não o distanciamento, mas o olhar de estranhamento, tão enunciado pelos estudos de Bachelard (apud PERES, 1999, p.28) “onde ele nos ensina que o imediato tem de ceder lugar ao constituído”.

Quero me admirar diante das escavações de mim mesma. Perpassando o universo de mulher negra, nas dimensões que a compõem, das Mães-mulheres à professora. Ao falar sobre pesquisa autobiográfica, Peres (2003, p. 8). Afirma que esta metodologia:

[...] busca conhecer um campo de forças que interferem com o máximo ou um mínimo de intensidade. Então, os arquétipos adormecidos, como a *prioris*, movem-se com pólos magnéticos atraindo, para determinado campo, símbolos e construções que vagueiam na penumbra das construções subjetivas.

Hoje tenho mais certeza de minhas escolhas. Mesmo que estas sejam provisórias, está cheia de movimento, uma terra fecunda e úmida. Portanto, menos endurecida e seca. Gosto de ter um chão com uma terra úmida, para deixar meus pés transitarem, sujarem e marcarem... É nesta umidade e com esta umidade que escrevo. Vejo e sinto que o encharcamento acontece na constelação de diferentes autores com e nestes próprios autores, que estão comigo, que constituem e instituem cientificamente os saberes desse campo de estudo.

Desse modo, minha pesquisa é autobiográfica porque investiguei:
Imaginários das mães-mulheres que se corporificam na dança da professora

⁹ Colcha de retalhos será a metáfora que utilizarei para escrever, inspirada no filme de Jocelyn Moohouse que imprime a idéia de estar compondo uma vida a partir de pequenos temas, situações e acontecimentos que marcaram a minha existência, juntamente com minhas mães-mulheres negras e brancas. Deixarei mais explícita esta idéia em capítulos posteriores.

negra. Busquei os meus matriciamentos, num movimento de investigação de minha própria história de vida com o intuito de decifrar o que tem me constituído e como elas-Vó Idaura, Mãe Neiva e Mães Dindas Neusa e Neli estão em mim.

Dessa forma, o que move a minha pesquisa é minha vida, experiência palpável, “concreta” de ser uma mulher negra, tentando conhecer e reconhecer este universo de negrura nas suas entranhas. A minha pesquisa é o reflexo da história da afro-brasilidade, que pouco se conhece, e conseqüentemente não se reconhece. Com os seus símbolos e mitos... Ferraroti (apud MARRE, 1991, p.95) consegue exprimir do seguinte forma este meu desejo: “trata-se de decifrar, a subjetividade explosiva escondida nas histórias de vida”. Assim este autor me faz pensar que nós, seres humanos, somos cheios de códigos, signos e que muitas vezes o visível diante do senso comum não é necessariamente a verdade, mas parte das verdades adormecidas que se escondem em nossos corpos, em nossa memória. E penso que esta subjetividade é explosiva, porque não necessita de movimentos bruscos ou rudes. Um cheiro, um perfume, um vento, um rosto, uma cena, desencadeiam ações e sensações muitas vezes inteligíveis para o momento vivido ou grupo a que pertencemos. Com esta intenção, a dissertação é feita de trazer para a escrita acadêmica o desafio de falar de si, sem ser com isso narcísica ou etnocêntrica. A exemplo da armadilha de tornar este trabalho uma “falácia epistemológica”, Restrepo (2003) diria que a escrita abre caminho para a vida numa tentativa de escrita e reescrita poética. “Isso supõe tecer um saber e fazer científicos amalgamados com o poético” (PERES, 2002, p.3-4). Em outras palavras, a revalorização da experiência concreta vivida, pedindo para ser corporificada.

Portanto, através dos caminhos do Imaginário, parece possível reduzir a distância entre realidade e o desejo, pois a imaginação ultrapassa a realidade e, de certa forma, exerce influência no real. Em suas manifestações mais típicas, o imaginário objetiva-se nos gestos, nos sonhos, nos devaneios, nos ritos, nos mitos, entre outras manifestações.

Nas questões levantadas até este momento sobre o estudo realizado, busquei nas histórias de vida destas mães-mulheres em mim, as minhas marcas/matrizes, a partir da seguinte pergunta já anunciada anteriormente: **Como as mães-mulheres em mim, estão (re)significando a minha vida?** Para isso vou me utilizar os relatos orais, das fotos da minha infância e adolescência, os quais retratam momentos importantes de nossas vidas. Tudo isso para reacender as *imagens-lembranças* (PERES, 2004) e compor minha colcha.

A pesquisa auto-biográfica, embora utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, epístolas, fotos, vídeos, filmes, documentos, utiliza-se do exercício da rememoração, por excelência. Esta é componente essencial na característica do(a) narrador(a) na construção/reconstrução de sua subjetividade. (ABRAHÃO, 2004, p.202)

3 TECENDO OS RETALHOS: UMA METÁFORA METODOLÓGICA

A história da escrita na história dos escreventes. Nem sempre submissa ao poder: também instrumento de emancipação humana (MARQUES, 2001, p. 42).

A idéia de tecer etalhos é inspirada no filme *Colcha de Retalhos*, do diretor Jocelyn Moohouse, baseado no romance de Whitney Otto, assistido durante o percurso do mestrado em uma orientação. O filme fala sobre a vida de oito mulheres. A o longo do filme elas contam sua história para a neta de uma das amigas. Uma jovem está escrevendo uma tese (uma das protagonistas do filme) vai se refugiar dos transtornos da vida, na casa de sua vó. No decurso do filme, entre contos e pontos, vão tecendo uma colcha de retalhos, onde o tecido são retalhos de roupas usadas em algum momento e/ou evento importante de suas vidas. A colcha de retalhos será o presente de casamento para a jovem, que no momento vive a angustia entre o amor e o trabalho.

Ao tecer esta colcha, as “imagens-lembranças” (Peres, 2004), vão sendo compostas por três grandes retalhos: a ausência de meu pai, os mundos diferentes em que vivo em relação aos meus irmãos (social e etnicamente), as diferentes mulheres que me constituíram. Meu ninho era diferente: um mundo muito branco permeado pelas minhas mães-dindas. Estou me referindo às minhas mães branca-professora amorosas e disciplinadoras, que primavam por uma educação para o sucesso, para o respeito e para a justiça. E que traziam, sempre, a imagem da minha Vó Idaura como um exemplo de mulher. Mulheres negras, guerreiras, trabalhadoras e de uma religiosidade cristã expressa em sua fé em Deus. Fé esta sempre presente em sua vida em diferentes momentos: no casamento, no nascimento e morte de seus filhos, no nascimento dos netos, nas adversidades financeiras. E a figura da minha mãe que sempre criou, educou as filhas e os filhos, como uma mulher batalhadora, que abriga a todos. Uma mulher de coração muito grande, muito acolhedor!. Minhas mães-dindas sempre falaram das mulheres de

minha família, dando sempre ênfase nas qualidades destas mulheres negras. Isto fez com que eu não desejasse me afastar de minha origem étnica, já que tinha como referência mulheres negras, com imagens valorativas.

Muitas vezes, o monstro invisível se tornou visível: fui chamada de negra macaca, fuscão preto ou ainda, ao abrir a porta da minha casa, me perguntavam: “Onde está a patroa? Ou na escola onde a professora não me enxergava... a menina branca me batia no rosto e eu silenciava... Também perguntavam se eu era babá das minhas irmãs brancas”.

Nestas situações fui sendo, levada a falar, provocada pelas minhas Mães-dindas. Lá estavam elas na escola ou pedindo explicações para as pessoas... Mas, como era silenciosa, muitos fatos não foram vistos nem ditos.

Na sociedade estão plantadas idéias, compreensões, estereótipos de um negro que precisa de alma branca. "Sou um negro de alma branca" Que significado isto carrega? Que marcas estão atreladas a este pensar? Lugar de negro é em escola de samba, campo de futebol, etc. Definem-se zonas, limites, lugares pré-estabelecidos. Não reconhecendo como algo que nos é de direito, mas que cheira a "superação". Superar o quê? Que idéias? De quem?

Como se refere Silva (1998, p.11) a discriminação sofrida especificamente pela mulher negra:

A respeito da discriminação que sofre a população negra, em particular a mulher, ao ser-lhe negada a possibilidade de realizar estudos a ao ser afastada dos bancos escolares, seja por necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento da família, seja por ver desconsiderado seu modo de ser, viver, a cor de sua pele, a cultura de seu grupo étnico.

Tomada pelo sonho-desejo pensando bachelardianamente a partir da leitura de Peres (1999), investiguei minha história, possibilitando que a feminilidade seja o eixo daquilo que move minha e nossa trajetória como mulheres.

Penso a partir do silenciamento de meu corpo negro, para capturar o simbólico que existe nas trajetórias de minha vida. Cabe ressaltar que o feminino, ao qual me refiro, é o foco para onde aponteí minha busca. Quero dizer, busca do sentido e da força de trajeto dessas mulheres em mim, como *idéias forças* (MORIN,1994).

No trajeto desta busca persegui a minha questão de pesquisa: **Como as mães-mulheres em mim, estão (re) significando minha vida?**

Considero importante salientar, neste momento, a contribuição feita pela banca no momento da qualificação. A banca provocou um verdadeiro movimento nas questões que trazia naquele momento. Exemplo: a questão sobre as minhas mães-mulheres não puder se restringir somente ao universo de mulheres de origem afro-brasileira, já que anos de minha vida passei com minhas dindas de origem alemã. Isto interferiu até na minha escrita. Hoje as identifico como mães-dindas. A partir daquele momento pude perceber o entrelaçamento deste reduto/núcleo de mulheres brancas e negras. E busquei em suas narrativas as *idéias-forças* de suas ações: afetivas, disciplinadoras, sonhadoras...

Percurso...

Assim, inicialmente conversei informalmente com as quatro mulheres (Vó Idaura, Mãe Neiva, Mães-dindas Neusa e Neli) que chamarei como **narradoras de mim**.

Para que elas narrassem a minha história, trajetória, expliquei que iria contar um pouco da minha vida na dissertação a partir da nossa vivência, nossas vidas e, sobretudo, a participação delas. Expliquei que estava re-visitando as minhas lembranças, a minha história, fazendo uma espécie de colcha de retalhos, e que as falas delas eram os retalhos de minha colcha. A escrita seria a linha que iria tecer estes vários retalhos.

Então marcaríamos um dia, um momento, onde pudéssemos conversar tranquilamente, com tempo e sem horários definidos. Elas mostraram dispostas e felizes com a idéia, mas sempre questionando se teriam como contribuir. Acredito que elas não avaliavam que suas falas poderiam ser importantes para um trabalho acadêmico.

No segundo momento fui juntar e rever fotos, filmagens. As fotos que eu não lembrava das situações, pedia para que me explicassem tanto junto as Mães-dindas como junto à Vó e à Mãe. Olhei inúmeras fotos tentei recordar os momentos, num reavivar o sentir. Uma das coisas que aprendi nesta pesquisa, foi que **lembrar é sentir**.

As fotos eram da Igreja, dos meus familiares, de momentos de lazer, de celebrações e de apresentações de dança. Isto me fez perceber que muitos momentos de minha vida não foram registrados (antes dos três anos) pela falta de recursos financeiros (máquina fotográfica). A partir dos meus cinco anos para os seis

anos os registros começam a ser mais freqüente. Isso se dá após minha ida para casa das Mães-dindas.

E, assim fomos começando a re-visitar nossas histórias de vida juntas, tendo como foco a minha existência. Tudo isso para re-visitar minha história de vida, buscando pensar os “*matriciamentos*” que constituem, ontem e hoje, a professora negra. Ousando pensar a importância da formação do sujeito para além da formação acadêmica: no reduto da casa, da Igreja, da militância negra, da rua, do corpo que dança, da ancestralidade africana, do núcleo de mulheres...Imagens...”*Imagens–lembranças*” (PERES, 2004) que matriciam a postura da professora negra no cotidiano da escola, no olhar sobre seus alunos, nas escolhas e caminhos que decide seguir, com direito à incompletude e às dúvidas. Impulsionando, desse modo, a pesquisadora a pensar o saber científico como algo vibrante, como um mergulho nas profundezas das inquietações mais humanas, daquilo que é provocador do desejo de descoberta. Algo nos “mobiliza ao escrevermos e pesquisarmos o que pesquisamos, e não falo de algo sobrenatural, falo da uma existência com sentido, para uma fazer ciência com sentido, para viver uma educação com sentido e dos sentidos.”(PERES, 2004, p. 126).

Desconstruindo uma idéia de ciência asséptica, sem cheiro, sem sabor, sem corpo palpável...

A ciência, que é uma modalidade da linguagem, costuma cifrar seus informes em certo modelo frio e burocrático... O mesmo autor acrescenta ainda que a academia está sofrendo no jeito de fazer ciência... o discurso é também um agora que pode encher-se de ternura, sendo possível acariciar com palavras sem que a solidez argumentativa sofra detrimento por fazer-se acompanhar da vitalidade emotiva (RESTREPO, 1998, p.17).

Busquei assim trazer para o palco os discursos, as palavras, o movimento dos corpos das mulheres que falam palavras de ordem no silêncio, no espaço da vida privada, nas relações familiares. Bocas cheias de trajetos. Como Muraro (2003, p.43), “acredito que não se podem construir estruturas políticas solidárias sem mentalidades solidárias”.

Desta forma quando parti para as narrativas com as narradoras de mim Vó Idaura, Mãe Neiva, Mãe Dinda Neusa, Mãe Dinda Neli. Elas já estavam sintonizadas em relação a sua atuação na pesquisa que era contar um pouco da minha história dentro da vida delas. Sendo assim, para iniciar a narrativa delas, a questão detonadora foi a seguinte: **Conta um pouco da minha história na tua vida.** Elas

contaram, falaram, se emocionaram e calaram em alguns momentos. Em outros, não me olhavam diante de algum fato narrado. Talvez por receio de que os meus olhos pudessem exprimir tristeza ou espanto. Ou o fato narrado lhes causasse tristeza e angústia.

Onde...

As narrativas foram feitas nas casas onde moram minhas mães-dinda Neusa e Neli; na casa da Mãe e a da avó foi à Igreja, no dia do grupo de oração que ela participa.

A narrativa da avó foi feita na Igreja. Porque achei que para ela era o lugar mais apropriado. Escolhi desta forma porque quando penso em minha avó, vem sempre a imagem da Igreja¹⁰, o lugar onde ela se sente bem, onde criou seus filhos, onde gosta até hoje que estejamos.

No capítulo Eu nelas elas em mim: como elas me ajudam a tecer, trago as palavras das narradoras de mim minhas mães-mulheres. Nosso encontro foi gravado em fita cassete, e escolhi momentos em que tivessem disponíveis e tranqüilas para a nossa conversa.

A cada palavra transcrita há uma expectativa no desejo de saber sobre o adormecido. Fico pensando cada vez mais que o que sou hoje me provoca este desejo. Também acredito na maturidade de experiência e no repertório que tenho hoje. Torna-se suportáveis tais colocações e constatações.

Quantos...

Ao todo foram quatro encontros, sendo um com cada uma. Na verdade foi muito mobilizador, além dos muitos fatos e dados contidos em suas falas. Eram dados a serem analisados, mas acima de tudo eram nossas vidas que estavam sendo re-visitadas pelo nosso exercício de memória por excelência... **E lembrar é sentir...** A seguir apresento essas lembranças que, afinal, constituem o cerne desta pesquisa. Num primeiro momento, através das Reminiscências das Mães-Mulheres-Professoras, após Matriciamentos da professora e por fim o Tempo presente chama o passado.

¹⁰ A Igreja na vida da minha avó está para além daquele espaço físico, é acima de tudo a fé em Deus que ela tem, que para mim é inseparável da imagem que tenho dela.

3.1 Reminiscências das Mães-Mulheres–Professoras

Hoje, antes de começar, pergunto-me: Serei verdadeiro? Sei que todo o conhecimento de uma sociedade, de uma história, de uma vida, incluindo a sua própria e ao mesmo tempo tradução de reconstrução mentais [...] (MORIN, 1995, p.11).

Neste capítulo trago as minhas lembranças, faço um exercício de memória, percebo que há uma saída do lugar, um movimento, neste esforço de lembranças; digo desta forma porque acredito que muito tempo fiz, o caminho de não lembrança.

A vontade de querer saber como me constituo não se deu por perguntas objetivas feitas na infância ou na adolescência para minha mãe e minhas dindas. Gostaria de revelar que sempre tive medo de perguntar, isso foi fenômeno de grande angústia na minha vida, porque tinha medo das respostas.

De certa forma o meu silêncio indicava o não querer saber, que acredito que possa ter se dado por inúmeras razões, como medo de ouvir sobre as ausências, as respostas que poderiam não ser tão idealizada como desejava. Mas neste caminho de reminiscências, percebo que as coisas, fatos, objetos, lugares, estão ali, quer dizer também aqui em mim. Sendo assim, penso com BOSI (1994, p.46) quando escreve:

Somos tentados, na esteira de Bérson a pensar na etimologia do verbo, lembrar. Lembra-se em francês se souvenir, significaria um movimento de “vir” “de baixo”: sous-venir, vir à tona o que estava submerso. Esse afloramento do passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção: Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens.

Portanto, estas *antigas imagens* corroboraram para compreender, o que trarei como re-descobertas dessa investigação que diz em respeito aos meus “matriciamentos” (PERES, 2004) como jovem negra. Isto como num tecer de fios, e as linhas estão a se cruzar. Matriciamentos entendidos como a minha constituição como mulher negra a partir de um olhar para minha ancestralidade africana no entrecruzamento com mulheres de origem alemã, mulheres que me constituem. Que deixam marcas no meu modo de ser e estar no mundo, nas escolhas que faço, nos

medos que tenho, na religiosidade, na forma como decido viver ou de que luta social me aproxima...Na forma em que vivo.

Um turbilhão de coisas: gavetas não mexidas, portas fechadas e (re) abertas, janela com pequenas frestas... Tudo isso num corpo-memória que vai tentando dar forma para este trajeto.

3.2 Matriciamentos na professora

Os matriciamentos presentificados na trajetória do pesquisador supõem uma complexidade essencial para a construção dos saberes científicos, tendo o devaneio e o imaginário como molas propulsoras no entrecruzamento com as teorias. Este vetor se torna responsável pelo estudo da especulação em torno das causas primeiras somadas às intimações conceituais. (PERES, 2004, p.1).

No trajeto desta escrita faço algumas reflexões, um pensar que se traduz em escrita... Busco no meu presente, elementos que possam fazer vir cenas do passado. É neste percurso, onde costuro minha colcha de retalhos, de diferentes formas, cores, cheiros, pedaços diferentes... Que os retalhos-imagens, emergem num desejo de ver tal obra artística a colcha de retalhos...Mais um pedaço...O ser professora. Aprendi a ser professora dando aula de escola bíblica aos meus 15 anos, logo após a Confirmação-momento em que confirmas o ato batismal, depois de passar por um longo período de formação religiosa e conhecimento da doutrina cristã Luterana. Grandes partes dos jovens que passam pela confirmação estão na faixa etária dos 15 anos. Essa idade se caracteriza como um marco na vida dos adolescentes. Mesmo que nas últimas décadas pareça que os rituais foram esquecidos, numa sociedade que acelera os tempos em função de uma concepção de produtividade, uma sociedade adultocêntrica. Assim, com 15 anos, até os meus quase 20 anos, dava aula na escola bíblica. O que mais gostava era contar as histórias bíblicas adaptadas para as crianças, que não passavam dos 9 anos. Sempre gostei de contar histórias, era um momento de responsabilidade e compromisso. Nós éramos um grupo de meninas que revezavam os finais de semana. Havia uma coordenação que era mais experiente e nos orientava. Mas eu tinha a orientação em casa, também da minha mãe-dinda Neli. Ela dava e ainda dá escolinha bíblica. Há mais de 40 anos! Desde pequena via ela preparando aulas, e

eu ajudávamos a organizar o material como recortar, colar, etc. Ela tinha muito material pedagógico para as aulas, como também tinha os livros que eu havia ganhado na infância com várias histórias bíblicas ou reflexões religiosas. Assim era gostoso estar com a criançada brincando, cantando (que não era o meu forte) pintando e contando muitas histórias.

Outra coisa que eu adorava era que fazíamos dupla de trabalho. Adorava trabalhar com as minhas duas melhores amigas daquele tempo, me sentia mais segura. Acho que sempre gostei da possibilidade de compartilhar com outra pessoa minhas vitórias, meus sucessos e até mesmo minhas inseguranças. Com todo o risco que estar com o outro, fico pensando que o risco é maior, muitas vezes, quando estamos sozinhos, narcísicamente sozinhos.

Minha mãe-dinda é conhecida como a Professora Neli da Vila Municipal, na Cohab Tablada perto do presídio. A mãe-dinda sempre fez missão em diferentes locais da cidade, principalmente na periferia Bom Jesus, Vila Municipal...Lá ia ela com os seus cantos e suas histórias bíblicas buscando resolver os problemas do pessoal da comunidade, como alimentação, saúde, educação e educação religiosa. Para as minhas mães-dindas estas coisas não estão separadas. A Igreja tem compromisso social e quando percebem que não está sendo feito não mandam dizer, deixam seu recado. A dinda Neli é a mais falante e enfática chegando a ser enérgica diante de suas convicções de religião, mas acima de tudo de humanidade. Isso é algo que todas compactuam (as quatro irmãs Nelza que chamo de Neli, Nilza, Neusa e Nilva). Sempre nas atividades, celebrações e leituras bíblicas, a representante da família Muller é a dinda Neli. Ela é perfeita para as ocasiões, pois nunca diz somente o esperado, mas sempre surpreende, às vezes, de forma dócil, outras vezes incisiva sem negar seus princípios.

Então, à vontade de ser professora foi alimentada pelas minhas dindas-mães. Três são professoras. Uma formada em Pedagogia dava aulas particulares de matemática, é apaixonada por matemática do ensino fundamental. As outras duas, formadas em Letras Inglês-Português e Literatura, disciplinas que sempre amei. Sempre adorei escrever e ler. Passei grande parte de minha adolescência lendo. Lia no banheiro, às vezes, quando todo mundo ia dormir (na casa de praia Laranjal - Pelotas), para a luz não atrapalhar os outros, já que a casa não era tão grande e dormia gente em todo canto.

A minha Mãe-dinda Neusa de batismo deixou de trabalhar e terminou o segundo grau para nos criar (lembrando que somos seis filhas adotivas, do coração, como dizem até hoje). **Ela era e é a professora da casa.** Com ela, fazíamos os deveres de casa e estudávamos para as provas. Fazíamos trabalhos, principalmente os de Artes, que sempre detestei. Não gostava da forma como as professoras (nem todas) ensinavam. Meus desenhos nunca foram expostos. Minha dinda-mãe sabia desta minha dificuldade passava horas na mesa da cozinha me ajudando, às vezes até fazendo por mim.

Por falar em cozinha, lembrei que a cozinha é o reduto, lugar de poder das mulheres que me matriciam. Minha vó, mãe e mães-dinda são as melhores cozinheiras que conheço. Ambas muito exigentes nas artes culinárias. Com minha dinda-mãe aprendi a cozinhar com os olhos. Porque até ir morar sozinha, fazia somente o básico do básico na cozinha. Quando cheguei em minha casa descobri que já sabia cozinhar.

3.2.1 Tempo presente chama o passado

Desde o século XIX, mulheres brasileiras que tiveram acesso à alfabetização tentaram refletir sobre a própria vida, rompendo o silêncio sobre o mundo. Famílias, confessores e educadores estimularam a anotação dos acontecimentos mais importantes do dia, através de diários íntimos e troca de correspondência entre amigas, num projeto de educação dos sentimentos Anne Vicent-Buffault (MIGNOT et al, 1996, p.20).

Com esta citação enfoco a importância do acesso ao conhecimento escolar, que também me possibilitou trazer para o espaço educacional minha própria vida *num processo de educação dos sentimentos* e com sentido. Entendo que as mulheres negras tiveram o acesso mais tardiamente, ou muitas vezes negado, ao processo de escolarização. Mas isto não as impediu de repensar suas vidas através de processos educativos informais, através de suas experiências de vida. Infelizmente o ocidente ainda trabalha com a idéia da legitimidade do conhecimento através da escrita, o que acaba por silenciar os que não tiveram acesso à educação formal, retirando-os do protagonismo da história.

Parece que a minha vida iniciou várias vezes e as lembranças chegam de forma desordenada. A linearidade não é um atributo da memória, pois as

lembranças se dão de forma circular, no círculo tendo como mote o presente. O que sou neste tempo presente faz desejar-lembrar meus tempos passados.

[...] A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado... É uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. (FERREIRA e AMADO, 1996, p.94).

Neste momento trago para a escrita o palco de algumas lembranças com breves, muito breves reflexões que emergiram. Vêm cenas de minha vida, onde minha memória elenca seleciona, traz aqui cenas do presente/passado. Um presente/passado que define minhas memórias atuais. Como também percebo que alguns fatos e acontecimentos, pareciam ter ficado no esquecimento assim como diz Teixeira (2000) : “Além disso, as criaturas e os acontecimentos dos tempos mais distantes encontram-se muitas vezes enterrados ou soterrados por um esforço de não lembrança.”(p.9)

O presente faz a todo o momento um chamamento do passado a partir de *imagens-lembranças* (PERES, 2004). A seguir, apresento minhas mães-mulheres, por fazer um re-visitar em minha vida e busco em minha memória, aquilo que tem ficado no esquecimento pela distância da convivência, tentando fazer um esforço de lembrança...**Lembrar é sentir...**

Cena 1— **Avó**

Minha avó Idaura, mulher negra do interior de Canguçu, filha de Belizário e Eleodora. Participantes da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Aos vinte e poucos anos se casou com Anolino teve três filhos: Neusa, Neiva e Rudinei. Separou-se e veio para Pelotas com seus filhos. Foram para o orfanato da Igreja no município de Três Coroas. No orfanato trabalhava cozinhando, lavando, para manter seus filhos. Assim poderiam ficar todos abrigados até as coisas melhorarem. Após este tempo, veio morar definitivamente em Pelotas. Trabalhou em casas de famílias, foi cozinheira em indústrias da cidade, em restaurantes. Houve um tempo que trabalhou em Porto Alegre E minha Mãe Neiva e minha tia Neusa e meu tio Rudinei ficaram com a minha Bisavó Eleodora e o Bisavô Belizário. Neste período já moravam no Simões Lopes no “Beco” onde nasci, rua paralela com a Frederico Bastos e perpendicular aos trilhos. Até hoje ainda alguns de nossos parentes moram neste

local. Minha avó cuidava e educava seus três filhos só, com o seu ofício de cozinheira.

O primeiro encontro da minha vó com as minhas dindas foi na Capelinha, em 1963, na sede de nossa Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Minha dinda de batismo, Neusa sempre diz que nunca esqueceu daquela mulher negra bem magrinha, vinda de Solidez, com os três filhos. Logo após se encontraram minha Vó Idaura com minhas Mães-dindas, Nelza, Nilza, Neusa e Nilva. Foi quando as três crianças foram para um orfanato. As dindas haviam perdido a mãe há pouco, eram seis, cinco mulheres e um homem. Mas eram somente as quatro irmãs mais novas que ainda moravam com o pai freqüentavam assiduamente a Igreja. Meu Vô morreu logo em seguida, antes dos anos setenta, minha Vó só ficou sabendo após a sua morte. Assim Idaura Moreira Silveira uma mulher negra com três filhos, sem ter completado os anos iniciais, uma cozinheira de mão cheia, com os alimentos, ingredientes culinários, faz arte, é uma verdadeira artista. Tem uma voz maravilhosa, canta no coral da Igreja até hoje, lê a Bíblia e o livro de Devoção Castelo Forte todas as noites. Sempre antes de dormir na casa da Vó, fizemos este momento devocional que escrevi anteriormente. A Vó também participa do grupo de senhoras da Igreja, faz parte do grupo de oração. É uma das cozinheiras chefe das atividades da Igreja: congressos, jantás, almoços, acampamentos dos jovens. Aos 75 anos é conhecida como a Dona Idaura na Igreja, o lugar onde mais gosta de estar e onde criou seus filhos e tem seus amigos e parentes.

Cena 2 —Mãe

Minha mãe Neiva, segunda filha, sempre espoleta, alegre e sapeca. Na adolescência gostava de festa, de sair para dançar. Foi criada na Igreja passou pelos sacramentos: do batismo e da confirmação. Ainda adolescente ficou grávida, aos 15 anos, dentro de uma família negra luterana, onde o pai já não estava presente. Já trabalhava fazendo faxinas e no cuidado de crianças. Foi um grande susto, quando em 1975, minha mãe adolescente e negra luterana, apareceu grávida. Minha Vó disse desde o início da gestação de minha mãe que não a acompanharia no parto. E não foi mesmo!

Minha bisavó Eleodora foi quem acompanhou meu nascimento. Mesmo assim, a minha mãe comenta que a Vó-Idaura estava feliz com o nascimento da primeira neta.

Quando nasci, dizem elas, eu gritava de forma aterrorizante. Comentam que minha mãe botou a Santa Casa abaixo, gritando: Socorro vou morrer! Vó me ajuda! , Vó vem cá, que eu tô com medo!

A mãe conta que tiveram que amarrá-la, as pernas e os braços, para que eu pudesse nascer. O médico, apavorado, ao me ver, disse para minha bisavó: -Que vergonha, fazer um fiasco deste para nascer um nenê tão pequenininho!

Assim, até os três anos e meio cresci junto com a minha mãe. Sempre me carregando para o trabalho com ela, de manhã cedo acordávamos íamos de ônibus, mas na maioria das vezes íamos caminhando. Ela me levava segurando no colo e depois pela mão...Com a chegada da minha primeira irmã Adriane fui morar com as minhas dindas. As dificuldades haviam aumentado e era uma possibilidade de garantir uma vida melhor para a sua primeira filha, eu. Com toda a dor que este distanciamento lhe causava.

Cena 3 – As Dindas

Nesta cena falo no plural, as dindas, porque não consigo fazer este exercício de memória pensando às individualmente. Como conheço a histórias destas mulheres não poderia narrá-las de forma fragmentada ou separada, porque vivem até hoje de forma coletiva. E assim posso trazer a história deste coletivo de mulheres-irmãs representado nas figuras de Neli, Nilza, Neusa, Nilva, todas minhas mães adotivas... Mães de coração...

Minhas mães-dindas possuem uma família bem extensa, são seis irmãos. Nasceram em Canguçu, e vieram para Pelotas ainda em sua infância. Sempre quando sentamos para conversar e começam a lembrar de sua infância, choramos de tanto rir. Faziam muitas estripulias, brincavam, se divertiam para valer. Contam que iam para o cinema nos finais de semana, para a praça, brincavam na rua, gostavam de estar na vizinhança. Vários foram os tombos, as gargalhadas, os puxões de orelha dados pela mãe. É muito gostoso ouvi-las contar. Dá uma vontade de estar nas cenas: empinhavam pipa, andavam de carrinho de rolimã, feito pelo irmão mais velho, criavam casinhas com comidinha e tudo, desfiles, inventavam roupas, pulavam valetas, jogavam bolinha de gude... Nunca estavam somente elas, as quatro (isso já seria uma casa cheia), mas cheias de vizinhos, amigos e amigas na volta. Acreditam que viveram infâncias felizes. E eu não tenho dúvida, só olhando nos olhos delas quando contam...

Mas na adolescência perderam a mãe. Nasceram já dentro da Igreja Luterana. Dizem que o pai delas até pastor foi, num período que não havia ainda a Igreja Luterana naquela região, quando eram chamadas igrejas livres. O pai das dindas estudou no seminário da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, por uns dois anos em sua juventude, mas pela falta de dinheiro teve que desistir. Então, como um homem estudioso e que tinha passado pelo seminário, fazia batizados e outras celebrações que são da competência dos pastores da Igreja.

A mãe delas ficava em casa cuidado da família; sempre falam dela como uma mulher muito justa e extremamente solidária. As dindas viviam nas casa dos vizinhos ajudando a cuidar das crianças, principalmente a dinda Neusa, que conta que já cuidava um menino, aos sete para os oitos anos. A mãe o deixava sobre responsabilidade dela. Diz que sempre imaginava quando agarrava uma criança no colo, que algum adulto iria perguntar: -É teu filho?

Com morte da mãe sofreram muito, elas e o pai. Tiveram que literalmente assumir os rumos da família. A vida financeira nunca foi das melhores, mas a mãe é que guiava tudo, inclusive a vida do pai delas. Com a mãe os problemas não apareciam, ela não deixava aparecer, como dizem elas mesmas. Adolescentes-mulheres estavam entre as idades de 12 aos 18 anos.

Assim foram trabalhando no comércio, cuidando da casa, indo à Igreja, cuidando do pai, estudando. Trabalhavam de dia no comércio e de noite estudavam. Muitas vezes lavaram a loja onde trabalhavam para arranjar mais um dinheirinho. Faziam isto no final de semana. Sapatos furados usavam roupa de verão quando era inverno, usavam roupa emprestada por necessidade. Foi um tempo muito complicado, mas elas não dizem que foram infelizes. Viviam sempre na Igreja: coral, grupo de jovens, dando escola bíblica, dramatizando nas peças da Igreja, fazendo mímica de cantores famosos nos eventos da Igreja, namorando, apaixonando-se...vivendo

Assim terminaram os estudos, chegaram à faculdade e ao final do segundo grau. Com o tempo, aquela vontade de ser mãe quando brincavam ainda crianças, ou até mesmo quando cuidavam umas das outras, foi tomando força. Eram mulheres, que trabalhavam e que sempre tiveram na sua volta crianças. Três das minhas dindas são professoras, a dinda Neusa trabalhou muito tempo no comércio, também trabalhou na creche da Igreja. Quando chegamos, eu e as minhas irmãs Ida, Rosi, Taís e hoje Franciele (15 anos) e Luíza (8 anos), a dinda Neusa parou de

trabalhar porque era uma criança que tinha que ser cuidada. A Ida e a Rosi têm seis meses de diferença e da Ida para Taís, um ano. Era um show de fraldas. Neste período, quando éramos pequenas, veio uma moça para morar com a gente e estudar. Ajudava a cuidar a casa e nós, ela morava na zona rural e tinha sido aluna da dinda Nilva. Assim era mais uma mulher em nossa casa. A Marlene fez segundo grau na época, se formou e também é professora.

Fiquei um pouco enciumada quando a minha irmã Ida e Rosi chegaram porque eu era a única em casa. Disseram-me que até febre tive. Para me sentir melhor a dinda disse que inventava uma tática: na hora do banho da Ida, que foi a primeira chegar lá em casa, minha dinda deixava as roupas prontas no quarto e fazia que tinha esquecido. E dizia: Raquel preciso da tua ajuda, esqueci as roupinhas lá no outro quarto. E assim eu me sentia a irmã grande e responsável, que ajudava a dar banho, *nas pequenas*. Era como eu chamava a Ida, a Rosi e a Taís, a diferença maior de idade entre nós é de sete anos.

Minhas mães dindas não casaram, optaram por nos cuidar. Somos todas filhas do coração, como nós dizem até hoje, já que sabíamos que tínhamos outras mães biológicas. Somos todas filhas de coração...

Nunca vou esquecer de um dia quando fui consultar com a pediatra, onde minha dinda trabalhava como secretária. Ganhei um pacote de bolacha Maria. Gostava muito de bolacha Maria, e queria comer tudo sozinha, sem repartir com as crianças que estavam no consultório. Simplesmente perdi o pacote. Não quis comer de braba, porque não queria dividir. Minha mãe-dinda repartiu minhas bolachas com as outras crianças. A mãe-dinda Neusa me contava esta história.

Na década de setenta, onde o racismo, o preconceito e o olhar sobre a criação de uma menina negra em contexto branco, era pensado ainda como possível relação de trabalho futuro. Neste caso, trabalho doméstico. E lá estavam elas respondendo, brigando na escola quando me discriminavam e/ou quando as pessoas faziam tais relações. Elas diziam entre tantas palavras ela é nossa filha... E nunca deixaram de me dizer e lembrar que eu era negra.

Minhas tranças eram trançadas por dedos de origem alemã, mãe-dinda Neusa aprendeu a trançar o cabelo pixaim com minha Vó Idaura. Hoje penso que, de certa forma, minha cabeça era o palco do aprendizado.

Falando em dedos de origem alemã, não posso esquecer que lá em casa, sempre se fez muito tricô, crochê, bordados e muita comida gostosa. O trabalho com

as mãos sempre foi a lazer das minhas dindas. Quando não estão trabalhando, fazem muito tricô, crochê, bordados e comida. Inventam, criam...A mãe dinda Neli desde nossa infância arrecadava lãs, pedia o material para as pessoas mais abastadas que conhecia, para que pudessem tricotar para o pessoal da Vila Municipal-Cohab ou quem quer que precise. Nossa casa sempre foi muito cheia de lãs e linhas. Eu pessoalmente não me concentro para fazer tricô atualmente, mas na minha infância adorava fazer, a gaita-parte de baixo do blusão. E principalmente porque as dindas não cansavam de elogiar e diziam que a minha gaita era bem feita o ponto era bem apertadinho. A mãe-dinda Neli adorava lã, então comprava e ganhava sem limite. Ela sempre sabia onde tinha promoção de lã. Era maleiro, sacolas, bolsas cheios de lã. Acredito que elas herdaram este costume da mãe delas, que as ensinou a fazer estes trabalhos manuais ou que apenas viram fazendo como as colchas coloridas.

Lá em casa ainda há colchas feitas de crochê, todas de pedaços coloridos que são feitos separadamente e depois compõem uma única colcha ... Minhas mães dindas continuam fazendo...Como estou fazendo agora, unindo pedaços diferentes, que se equilibram entre si...Onde busco uma escrita harmoniosa. Assim me constituo entre mulheres negras e mulheres brancas.

Cena 4 – Eu

O relato sobre eu mesma está baseado no que a Mãe, a Avó e as dindas me contaram. Então, sou filha biológica de Neiva, neta de Idaura e Anolino, bisneta de Belizário e Eleodora e afilhada de Neusa.

Nasci às 9 horas do dia 18 de março de 1976. Nasci com 1.700 Kg de sete meses e meio cabia na palma da mão do meu dindo de batismo, único homem presente na minha criação. Achavam que eu não iria sobreviver e/ou que teria grandes dificuldades. Fiquei no hospital, na incubadora durante dois meses até ficar com peso ideal – dois quilos e meio, já que havia nascido, prematura.

Após, fui para casa de minha bisavó, onde minha mãe morava juntamente com a minha vó e seus outros filhos. Era um chalé de madeira que não passava de quatro peças, divididas por guarda roupa.

Dizem que sempre fui muito chorona, há uma foto que retrata isto, onde estou no colo da minha Mãe-dinda Neusa e do meu dindo Gilberto, chorando para tirar fotos, sempre cheia de medos... Tinha medo de tomar banho de chuveiro, quando

cheguei na casa das dindas. Depois me acostumei a tomar banho de chuveiro. Quando nasci, minha Vó, fez o convite à Mãe-dinda Neusa para me batizar, por considerá-la extremamente responsável.

Como já havia escrito anteriormente, minha Mãe-dinda e suas irmãs tinham perdido a mãe no período da adolescência. E mesmo assim não desistiram de estudar e trabalhar para manter o sustento, como também não haviam se afastado da Igreja. Desta maneira, ter uma delas como minha madrinha, no imaginário da minha Vó, seria uma referência e proteção. E de fato foi! E assim continua sendo, ainda hoje: a minha Vó buscou uma forma de me resguardar e proteger.

Este tipo de atitude era feito pelas mulheres negras no período escravização e após, onde escolhiam pessoas de outra etnia para cuidar caso faltassem a seus filhos, no caso, neta. Esse fato é extremamente interessante. Quando digo *caso faltassem*, não me refiro à morte no caso da minha história, mas sim condições de uma adolescente negra educar sua filha diante das adversidades étnicas, sociais e econômicas. E penso que de certa forma a palavra, as palavras da minha vó ao convidar minhas dindas-mãe... Tinham um tanto de cuidado e de intuição de (vó) terna.

Lembro da minha Vó que, mesmo dentro das condições de vida precária em que vivíamos, adorava trazer balas e, quando possível, quase sempre no dia do pagamento, eu ganhava chocolates. Lembro que era o chocolate Prestígio, que eu adoro até hoje. Eu não tinha com quem dividir balas e chocolates até os meus quatro anos, porque minha primeira irmã por parte da minha mãe biológica, Adriane, chegou em 1980.

Assim ingressei na escola, no jardim. Adorei esta fase de minha vida, tinha amigos, tinha espaço para correr e brincar na escola. Podia fazer os meus desenhos sem a preocupação se estavam certos, a professora era divertida, brincalhona, ela abraçava, brincava... Eu adorava! Porque havia muitas atividades no pátio, fico pensando que era porque fui criada dentro de um apartamento, com um monte de adultos.

Meu amigo de infância era o Airtinho, o Tutti Fruti. Até hoje não sei porque chamávamo-lo assim, mas ele foi um grande companheiro de infância, de descobertas, de estripulias, de comilança. Era a única criança no prédio. Havia mais um menino, mas era mais velho, só brincávamos de vez em quando. Na minha infância, antes de ir para primeira série, os meus amigos eram meninos. Não poderia

deixar de falar do meu primo Nilinho filho da irmã mais velha das minhas mães-dindas, nós brincávamos muito, mas brigávamos bastante. Acredito que disputávamos a atenção das dindas. Mas era uma época gostosa, banho de chuva na rua, andar de rede na casa da praia no Laranjal, aprender a andar de bicicleta, tomar banho de mangueira e de tanque. Correr no Beco junto com as minhas primas em segundo grau Liza e Carla, no final de semana, tirar foto nos trilhos do trem, fazendo pose, pegar água na bica (única torneira existente para todos os moradores do Beco). Passar o verão no laranjal, “fazer” ginástica na praia acompanhando minhas dindas, ir até o Barro Duro fazer piquenique a família das mães dindas e a nossa vizinhança do laranjal. Ir para escolinha bíblica todos os sábados, participar dos congressinhos no dia das crianças, do programa de Natal e outras festividades da Igreja...

Um pouco deste encanto foi interrompido pela minha entrada na primeira série, em 1982. O momento maravilhoso que era ir para o colégio quando eu estava no jardim ficou na saudade, e muita saudade...Na primeira série tinha tempo para tudo, a professora gritava, os meus desenhos já não eram corretos, parecia que tudo havia mudado. Os colegas não eram os mesmos do jardim. E cada vez mais eu ia ficando mais quieta diante dos gritos da professora. Ela dizia que íamos voltar para o jardim se não nos comportássemos, que éramos burros, era um show de palavras desagradáveis. Minha dinda foi percebendo a minha tristeza, eu não reclamava, mas não gostava mais de ir para escola. No meio do ano, diante das lágrimas ao não conseguir fazer os deveres de casa, mesmo com total apoio, minha dinda resolveu me tirar da escola...Percebeu que era uma tortura e que eu estava ficando muito triste e estava me achando burra. Eu perguntava se não ficaria burra, porque havia saído da escola. Acredito que para as minhas Mães-dindas tomarem esta decisão houve um fato que foi decisivo.

Um dia na fila na hora da Educação Física levei um tapa na cara de uma menina de origem alemã (o sobrenome indicava).Disse que eu não podia tocar nela porque eu era negra. Ninguém viu, e eu guardei isto até o dia que a encontrei com sua mãe no supermercado. Ela me cumprimentou e eu não cumprimentei e a Mãe-dinda Neusa me perguntou porquê e assim contei o fato ocorrido. Foram até a escola, se me lembro bem quem, a Mãe-dinda Nilzinha foi lá e brigou com todo mundo em minha defesa, me senti protegida e vingada diante daquelas professoras que nem sabiam que eu existia...

Assim, desisti aquele ano da escola. Fiquei indo para a creche onde a minha Mãe-dinda Neusa trabalhava. A creche era da nossa Igreja, não teve problema da dinda me levar junto. Mas eu ainda gostava da escola, então de vez em quando eu assistia às aulas no colégio próximo da creche, onde a Mãe-dinda Nilzinha trabalhava, a Escola Estadual Adolfo Fetter, que fica na rua Pinheiro Machado no bairro Fragata. Assistia aula na turma da professora Terezinha, uma negra com anos de experiência, atenciosa. Tinha uma fala tranqüila e exigente. E que fazia eu me sentir muito bem naquele espaço. Lembro-me que até marchei neste ano com a escola, uniformizada, e naquela época achei o máximo, estava feliz por desfilarmos pela escola. Eu sempre gostei de estar na escola...Caderno, livros, quadro, professor, colegas.

Minha Mãe-dinda Neusa me levava para aula à noite, com ela, no período do seu segundo grau, hoje ensino médio, quando eu ainda não havia entrado para escola. E eu adorava, aquele era o Colégio Municipal Pelotense, sonhava em estudar lá, só que não havia jardim e nem primeira série. Para a minha felicidade, em 1983 criaram a primeira turma de primeira série do Pelotense, e lá estava eu entre os vinte poucos alunos daquela turma. Na escola dos meus sonhos e que eu conhecia muito mais que a maioria dos meus colegas, já que minha dinda Neusa tinha estudado lá e a dinda Neli- Nelza como é conhecida no ambiente trabalho, era uma das responsáveis pelo SOE Serviço de Orientação Educacional. Inúmeras vezes era a única negra na sala de aula, em festas, em excursões.

Antes de ingressar no Pelotense, no período do verão fui alfabetizada pela minha vizinha, que anos trabalhou como alfabetizadora. E me ensinou a ler e a escrever brincando.

O engraçado é que sempre me disseram na infância que eu era sem ritmo, minhas primas de origem alemã dançavam melhor do que eu...Mas arrisquei, me inscrevi no grupo de dança da escola, com a professora Maritza. Segui minha vida escolar, ingressei na faculdade de Educação Física e aqui estou eu, escrevendo...

Portanto, desejo investigar os meus matriciamentos (PERES, 2004) como jovem negra. Isto como num tecer de fios, e as linhas estão a se cruzar...

A ida para os palcos a partir da dança foi dando a visibilidade ao corpo negro em movimento de reconhecer sua ancestralidade. É a evidência do corpo naquilo que se manifesta e fala de uma existência corporal, das desigualdades, um corpo contador de histórias. Diz verdades e realidades pela palavra corpo.

É como negrume¹¹, como sombra, que tem uma luz escondida. Ela produz luz; é a luz invertida. Penso que esta sombra deva me ensinar! Ao mesmo tempo penso que a dança afro-brasileira me aproxima dos "matriciamentos" (PERES op. cit. 2004), de uma das minhas realidades, a ancestralidade africana.

3.2.1.1 Narradoras de mim...

Desta forma tive, como elemento provocador e detonador das narrativas de minhas mães-mulheres, o seguinte questionamento, já mencionado anteriormente: **Conta um pouco da minha história dentro da tua vida.** Assim, estas mães-mulheres a partir de suas falas, foram me dando pistas, caminhos para compor esta colcha com suas vozes, seus sentimentos, seus desejos de vitória, projetados em minha própria vida. Neste momento fiz a opção metodológica de trazer as narrativas na íntegra porque acredito ser uma forma de evocar e dar voz às mulheres de minha íntima relação, que me ensinaram a viver espaço privado da casa, da família... Para viver espaço público da rua, dos palcos, das escolas, da universidade... Como diria Restrepo (1998, p. 10):

é impossível não transcender o umbral da rua para penetrar nas raízes afetivas, familiares e interpessoais, das quais se alimenta a ética cidadã...O privado, constituído por essas pequenas rotinas da vida diária assinaladas pela dinâmica afetiva, é precisamente o espaço em que entre telões, se manifesta o público.

Conversa com minha Vó Idaura

3 de maio

Horário: 16h

Local: Igreja

Obs: Na Igreja depois do grupo de oração do que a Vó participa.

Eu me lembro que quando a tua mãe ficou grávida eu fiquei meio chateada, não porque tu tava vindo, mas a gente fica, aí depois passou o tempo passou, passou, tu nasceu. Chegou o dia do nascimento sete meses meio, e aí tu nasceu pequenininha, com poucos centímetros, um quilo e oitocentos gramas, depois tu ficou na incubadora.

¹¹ Expressão utilizada por MORENO, A. no Seminário de Orientação em 2004.

Ficou dois meses no hospital, pegando peso. Deu alta foi para casa. Depois foi para casa. Tava e tá se criando bem. Uma moça grande passou os anos, uma moça grande, bonita, forte. Tá aí estudando!

As dindas que procuraram ela foi morar com elas, as dindas criaram ela, as Müller deram estudo para ela, me ajudaram muito. Uma mão na roda estas Müller, criaram.

A gente já se conhecia eram minhas amigas de lá Canguçu, só que a gente não se via tão seguido. Eram nossas vizinhas de Canguçu, assim elas me deram uma força criaram a Raquel e a minha filha mais velha também, dez anos morou com elas. Eu trabalhei com elas, ajudava elas enquanto elas trabalhavam, ajudei elas, e então enfim.(pausa)

Agora estamos aí! Agradeço muito a elas por esta ajuda, outra pessoa acho que não me daria, eu agradeço a elas.

Mas na Igreja nós nos conhecemos, e vamos permanecer na Igreja e estamos permanecendo na Igreja e até nós morrermos, até o último dia de nossa vida, eu pessoalmente penso assim.Agora que mais?(pausa)

Eu: Quem decidiu que eu iria para as minhas dindas?

Foi eu e a tua mãe. Foi nós duas que escolhemos, e eu achei bom eu pensei que elas podiam ser umas pessoas suficientes assim, que tinham jeito para criar, para ser mãe de criação, já tavam criando. Eu disse convida elas, para madrinha, mãe de criação. A tua mãe não queria deixar, ela não ia dar a filha dela e aí eu disse: -"Elas são umas pessoas que podem criar direitinho. E assim foi até agora, tanto para criar como para o estudo. Agora a tua mãe tá contente com isto, tua mãe não queria deixar, achava que queriam tirar a filha dela. Aí ela se convenceu e deixou. Agora ela se deu conta que deram uma força enorme tanto para criar, como para o estudo.

Quando era pequena era muito da vó, a vó era muito coruja, era maneira, a tua mãe dizia que ia botar mal costume nessa guria. Mas a vó sabe leva... (pausa)

Tem muita coisa à gente esquece, a cabeça não tem como guarda tudo!

E sempre cheia de mania, maneira,choramingando, sempre cheia de mania. As manias das balas! Sempre pedindo bala ,choramingando, chorando na volta. E a vó sempre muito coruja ficava na volta, que nem agora... (pausa)

A cabeça não dá mais 75 anos não dá para lembrar de tudo, eu vou indo assim sempre na volta dos netos, bisnetos até quando Deus me deixar. Ando meio ruim desta.. (aponta para cabeça)

Conversa com a Mãe

15 de Abril 2005.

Horário: 11h

Local: na sua própria casa

Conversa com a Mãe na cozinha da casa dela, lugar onde comemos, conversamos, dançamos. O espaço onde a família fica reunida, a cozinha é a primeira peça e a principal parte da casa.

Não me olha! Não gosto que me olhe, bom um pouco da tua história dentro da minha vida, é... Bom! Eu tinha 16 anos quando tive o meu primeiro namorado, que eu engravidei e tive a Raquel. Morava com a minha mãe, com minha vó, com meu vô e morava na Frederico Bastos num bequinho, lá quando morava com eles, minha mãe trabalhava no restaurante. Então quando eu engravidei naquela época era uma coisa assim... 16 anos não podia engravidar, não sei tal. Tive uma gravidez bem complicada, porque era bem nova não tava acostumada, a minha gravidez foi bem complicada. Mas graças a Deus eu consegui, minha mãe braba comigo, comecei a dar as dores, a minha mãe ria, eu não entendi, mas era nervosismo e dizia que não ia me levar no hospital, nervosa. Mas quem me levou foi a minha vó.

Aí a minha vó me levou no hospital, eu não tinha experiência em ter nenê fiz um baita fiasco (riso), gritava, gritava pela minha vó! E aí chegou o médico, me examinou, me amarrou, para bem de eu ter a Raquel, me amarrou eu consegui ter ela, o médico ria e dizia ainda: "mas uma baita mulherona desta, fazendo um fiasco para ter este nenê deste tamanho". A Raquel nasceu com sete meses, sete meses. Nasceu com 1Kg e oitocentos bem pequenina, que eu não conseguia nem enrolar e nem segurar direito. E aí por ela ter nascido com pouco peso, ela teve que ficar dois meses no hospital na incubadora. E todos os dias iam lá dá de mama para recuperar o peso, para pode voltar para casa. Todos os dias eu ia lá de manhã, de tarde e se possível e se desse eu voltava para dar a amamentação para ela. Deixava às vezes leite. Tirava naquele aparelho de tirar leite e deixava um vidrinho

dentro da geladeira para quando ela sentisse fome. Tá passou os dois meses e daí ela recuperou o peso e foi para casa.

E aí em casa sem experiência nenhuma, deitava com ela na cama, no braço. Teve uma vez que eu a deitei na cama e perdi ela na cama, caiu num buraco no canto da cama, do lado, numa cama de solteiro. Então botei ela no cantinho e fui dar de mamar, me esqueci e dei uma cochilada, me esqueci e ela caiu. E aí eu gritava: - Mãe! Mãe! A mãe veio e me ajudou e pegou. Eu sempre tinha a impressão que enrolada naqueles panos, no chalé, nos cobertores eu ia perder ela, de tão pequenininha que era. Conseguimos!

Depois ela foi crescendo e aí ela teve problemas de água na espinha, nos dois anos isso foi num dois anos. E aí foi para tirar água na espinha, ficou baixada no hospital, judiaram bastante dela eu chorava de pena de ver, não me deixaram entrar porque eu tava nervosa de vê, ela chorava muito, tá então melhorou saiu do hospital foi para casa. E aí ela começou a ficar grande, a ficar mais sapeca! O que ela mais gostava mesmo também era tirar foto sempre foi fotogênica. E isso... Depois de três anos tive que deixa, ela ir para madrinha dela, porque eu não tinha condição de cuidar dela. E também teve uma época que eu fiquei meio apertada e passou a fase braba da minha vida, que a gente teve que ir para Canguçu.

Eu sai de Canguçu até Solidez que era para fora da cidade, eu caminhei a pé com ela. Trocava fralda dela, ela passou um trabalho! Eu passei e ela principalmente que era pequena. Passou fome, isso com dois anos. Passou fome, e trocava ela, na rua, neste tempo não tinha fralda descartável era fralda de pano. Eu me lembro que tinha uma possa de água assim, eu molhei a ponta da fralda, assim (mostrou). Assim, a limpei, ali mesmo, ela passou um monte de trabalho comigo, e aí fomos para Solidez onde me ajudaram a criar ela.

Ficamos uns três meses e quando a gente voltou de lá, ela ficou com as Müller. Até os três anos eu tenho o que contar da Raquel depois eu não tenho (uma expressão de tristeza).

Conversa com a Dinda Neusa**16 de março****Horário: Meia noite e dois minutos****Local: Quarto da Dinda**

Obs: Como as conversas que tínhamos em minha infância e adolescência (namoro, sexualidade e a minha família). Dinda Neusa sentada na cama e eu junto à cama dela no chão, perto da cabeceira.

Primeiro contato foi lá na Igreja, onde tu ia consultar. E aí a doutora chegou e me disse assim: Quem é essa senhora? Eu disse é a minha comadre. Não tô preocupada, porque deu uns probleminhas. Eu disse qual é o problema? Ela tá grávida, a crianças pode ter problemas, vou tentar dar remédio para ela, só que não posso dar tudo. Tá ela fez tratamento.

E aí a Dani nasceu, tu veio, ela veio trabalhar na Idene e aí então ela ti levava para casa todos os dias. Porque a Idene perguntou se eu conhecia alguém para trabalhar na casa dela. Eu disse que conhecia a Neiva, que ela tinha só vocês as duas: que uma era nenê e tu tinha 3 anos e que tu era boazinha e quieta. E aí então, pra ti não fica sozinha, lá na casa da Idene, eu trazia para o apartamento. E aí quando a tua Mãe ia de noite, eu dizia:- Deixa ela comigo? Deixa? Assim tu foi ficando, foi ficando. Ia só no final de semana. Também quando chovia, eu dizia: deixa a Raquel aqui. E aí tu ficou.

E aí quando ia consultar, o egoísmo aparecia! A tua vó te dava tudo na mão e dizia é só para ti, só para ti.

Aí, eu fazia o seguinte comprava um pacote de bolacha Maria quando tu ia consultar com a médica que eu trabalhava, eu te dava. E perguntava para um adulto quantas crianças tinham na sala, contigo eram sete crianças, então eu dava sete bolachas, tu tinha que dividir as seis, uma para cada criança e sobrar uma para ti. Quando terminasse tu ia buscar mais. No início tu chorava e queria todo pacote para ti. Eu dizia: Não! A Dinda só dá se dividir com as outras crianças.

E aí tu veio para cá e foi ficando. E aí eu me lembro, quem te ensinou muito a dividir as coisas, foi o Tutti e a Tia Marília, ela mãe dele tinha um iogurte, metade para cada um...(pausa).

E assim tu era uma criança muito boazinha, muito calma. Mas tinha uns problemas de falta de pai, que a gente sentia, eu me lembro que tu dizia que queria ter um pai que nem o tio Airton, o tio Nilton e o Nildo meu irmão. Isso que Nildo tava lá longe né, mas acho que pelo jeito que ele tratava as gurias...tu comparava, eu acho porque ele era paizão e tu queria um pai assim.

Tu eras quieta e boazinha. Eu me lembro que uma vez eu te dei um cutucão. Porque eu disse: "Raquel espera só um pouquinho que a Dinda vai lá embaixo, eu já subo." A Ida era nenê. Tu bateste a porta, eu tava com a comida no fogo. Foi à única vez que eu te dei um beliscão assim.(mostrou com os dedos). E aí veio bombeiro e veio um monte de gente. Pularam pela janela do vizinho para entrar na área e poder entrar na casa. Mas o que tu tinha? Sete anos eu acho, sete anos. E seis ou sete anos.

Outra coisa era Maria mijona. Saía toda bonita, toda arrumada, saía calça de veludo, toda bonita. Mas quando voltava do passeio ou outra atividade não agüentava até, chegava na porta desabava o xixi perna abaixo.

A outro episódio muito interessante, foi uma vez eu fui com as três no centro. Entrei numa loja para comprar bota, bota de inverno para elas. E aí tava sentada com as três num banco de provarem calçados, e aí uma senhora chegou e disse assim. Que bonitinhas? No caso a Ida e a Rosi.

E aí disse: E esta? Essa aí tá criando e já tá ensinando para ser empregadinha, para cuidar das outras. Eu disse: Não, porque? Ela disse: É mais fácil desde pequena. Eu respondi: Não! Ela é minha filha!

Nunca mais vou esquecer daquela judia, ela saiu assim chispando dali, porque ela não esperava a minha reação de jeito nenhum, acho que pensou: essa alemã com duas crianças brancas pequenas e tu já era a maiorzinha. Então essa alemã já tá preparando para ser a mucama das outras, acho que ela pensou.

E me lembro também de ti indo para as festas juninas (risos) de vestido de prenda, com dois laços amarelos assim bem grandes nas chiquinhas, assim nas transas, mal dava para pegar aquelas bolotinhas de cabelo, não tinha batom da cor que combinasse com a pele ou era bem vermelho. E a gente não tinha acesso, como hoje, várias cores de batom e sobrancelhas e blush, mas eu sei que tu não perdias, ia bem bonita, bem faceira.

Outro episódio, que não me sai da minha mente de jeito nenhum! Quando tu ganhaste o casaco de pele branco com toca e nós fomos lá na tua mãe. Comprei

uma calça de veludo preto, sapato eu não lembro. Se era uma bota branca, eu não sei. E tu estava muito linda. Eu: Não era um mocassim?

A então era um mocassim, era um mocassim. Eu lembro que aquela coisa estreitinha que tem até hoje né, do lado do canal, mas só que não era ali, era no outro, mas tinha uma estradinha, era no beco. Eu me lembro, que tu nem combinava com aquele beco, tu vinha sim correndo, chegava a brilhar aquele casaco de pele. Não combinava nada com aquele beco! E todo mundo olhava.(pausa)

A tu marchando, tu foi para colégio e tu tava naquele colégio só encostada, tu não tinha matrícula, né?

Eu trabalhava na creche ali perto, e a Nilzinha trabalhava na escola. Será que não existe foto daquela época? Se tivesse foto daquela época, tu sairia, tu estaria na foto.

É isso que eu te digo. Eu me lembro que era uma calça de homem, de tergal xadrez, que a gente desmanchou e fez uma saia de prega, não sei até hoje como saiu. E tu de moletom azul marinho de bota e saia xadrez, tum, tum...Marchando na Pinheiro Machado.

Deixa eu vê que outra coisa importante que eu possa lembrar. Nós estávamos conversando sobre a tua vó, cenas da tua vó. Tem uma cena da tua vó que é muito marcante, aquela foto! Um dia tu olha lá na Igreja, que tem o Cristo Para Todos na parede do altar.

Aquela imagem que eu tenho da tua vó, assim ela encostada da porta. Ela encostada atrás da porta da saída, tinha terminado o culto. Com o Rudi no colo e Neiva e Neusa de mão com ela encostada com ela era o retrato da miséria, magra, muito magra, muito magra. E as crianças assim com roupa simplezinhas, a gente via que ela tava assim!!!...(expressão corporal de quem estava mal) Tu lias nos olhos dela me ajude! Socorre, me ajude! Sabe, bom ali ela tava vindo, não sei quem, que foi lá, e que encontrou ela. Até hoje ela não te disse? Não sei até hoje quem orientou ela, para ela chegar e pedir uma ajuda.

Levaram ela para o orfanato com os filhos. E lá ela passou muito trabalho, lá também teve muita discriminação! Até hoje a Neusa diz que tudo que faziam botavam a culpa nela, apesar, dela ser tirana. Então aquele tempo em que eu tive lá, aquele mês eu me lembro dela correndo no pátio. O castigo era correr no pátio em círculo e aí batia o sino que tava na hora da merenda. Então eles diziam: “Bateu para o pão! Era o termo que as crianças usavam, então tinham aqueles pães que a

tua vó fazia deliciosos com Kechimier, então as crianças pegavam, tinham que continuar correndo. A Neusa até hoje ela diz que muitas vezes ela foi injustiçada.

Outra coisa que me chamou muuuuuita atenção no orfanato parecia uma cena de filme que ficou na minha mente. Das crianças de casacão lindo que vinha da Europa e de pé descalço indo para igreja, porque ganhavam roupa e não ganhava calçado. Eles viviam de doação e me lembro um casaco azul marinho lindo, com uma gola de pele, bem tipo roupa americana e as crianças de pé descalço, aquilo é coisa que me chamou muuuuuita atenção. A criança tá toda arrumada, de casaco uma toca bem assim agasalhada e de pé no chão. Sabe? Porque eu acho assim, não adianta, se o teu pé frio não adianta botar duzentos casacos, o pé precisa de proteção para esquentar o resto do corpo.

Conversa com a Dinda Neli

25 de março 2005.

Horário: 16h

Local: sala de casa

Na sala do apartamento, onde assistimos TV um lugar de encontro familiar coletivo (jornal, novelas, olimpíadas, fantástico, festa de aniversário e lugar de trabalhos manuais tricô e crochê). Protagonistas: sentadas a Dinda Neli no sofá e eu na cadeira de balaço, cadeira que a gente dizia que era do Vô, pai das Dindas.

Primeira lembrança que eu tenho da relação Müller Silveira. Silveira não, na realidade, Moreira. E que a Cota é prima da Idaura Vó da Raquel, então a mãe da Cota era irmã do Belizário pai da Idaura não antes de 1955, porque a gente até tem como constatar a data que ela casou, porque ela tá viva. Antes desta época porque eu era pequenininha. E me lembro que o pessoal lá de fora tinha este costume, nós morávamos em Canguçu tínhamos um restaurante. Então havia assim, parece no pensamento das pessoas, como se fosse um local onde as pessoas poderiam chegar. Era o lugar onde as pessoas se sentiam à vontade porque a minha mãe era de coração muito grande, uma abertura muito grande de recepcionar as pessoas então eu lembro que a Cota veio à cidade. Não sei se ela já tinha se casado ou não! Porque era de costume na época das pessoas brancas ou pretas casarem na colônia, depois virem a cidade se vestirem de noiva e tirar foto com fotografo chamado seu Camargo. Até pouco tempo havia este foto em Canguçu. Então as

peessoas vinham se vestiam, a noiva e noivo. E a Cota veio se vestir lá na nossa casa.

Traziam o vestido, elas tinham a roupa delas de noiva. Tanto que era assim, às vezes elas casavam em uma semana e daí duas e três semanas elas vinham a Canguçu. Normalmente é interessante, ela vinham depois de casadas, talvez porque de repente viajar sozinha com o noivo, sei eu não sei qual a relação. Então elas vinham se vestiam de noiva e ia para fotógrafo, que ficava há umas três quadras duas lá de casa e tiravam as fotos. Isso tá bem marcado para mim. Porque o marido da Cota, ela era muito tímida, o marido da Cota o Aurio, era uma pessoa muito simpática, muito brincalhão. Um negro muito bonito que morreu muito cedo e que depois, na época eu não sabia, depois eu vim saber pela vida, que ele era irmão do que era pastor aqui em Pelotas, que foi o primeiro pastor negro Pastor João José Alves. Ele era o irmão mais velho do Aurio, Aurio, chamavam ele de Auri, mas o nome dele e Aurio Alves que era o marido da Cota. Este e um fato que me lembro.

Na minha cabeça tenho que perguntar para tua vó, eu acho até que de repente isso pode ter acontecido com Idaura também ou não sei se a nossa relação com Idaura começou apenas aqui em Pelotas. Era no tempo da Capelinha eu tinha a minha mãe viva ainda para lembrar mais ou menos o tempo 1964. Minha mãe faleceu antes disso talvez 1962 ou 1963. Me chamou atenção que uma senhora, tem até uma foto da época, senhora preta muito alta e magra, com três crianças bem pequenas, que era tua mãe, a tua tia Neusa e o teu tio Rudinei. Aí ela tinha vindo de Canguçu e o pastor falou que aquela família precisava da ajuda da gente, que ela tinha sido abandonada pelo marido e estava indo para orfanato. E aí ela foi para o orfanato. E aí como uma mulher trabalhadora que sempre foi e muito dedicada, ela ficou não sei te dizer por quantos anos, mas alguns pares de ano ela ficou no orfanato em Moreira. Aonde os três filhos tinham comida, roupa e estudo ela não pagava nada em dinheiro. Ela pagava com serviço dela, trabalhava na cozinha. Depois eu a Neusa e Nilva quando a mãe faleceu passamos um mês lá, e podemos conviver bem com a realidade de Idaura das crianças lá.

As gurias eram pequenas ainda, então elas apenas brincavam no pátio, ajudavam nas tarefas mais simples, talvez não lembro, mas o compromisso delas era estudar e tinha a prática da diversão. Quando as crianças lá teimavam muito, era sistema do orfanato que tinham cento e tantas crianças era botar as crianças correndo no pátio. Eu me lembro muito bem da Neuza tua tia correndo no pátio,

então ela tinha as pernas meio tortas ela correndo no pátio na hora do pão que eles chamavam, como se fosse hoje a merenda, então eles não podiam parar de correr nunca! Então eles pegavam o pão e saiam correndo. Fosse branco ou preto era o sistema do orfanato, das crianças que teimassem elas tinham que correr, acho que pensavam em cansar as crianças. Era como se fosse assim, tu vai teimar ou correr no pátio? Então isso não era um castigo para Neusa que era preta, era o sistema para os alemãesinhos que eram a maioria no orfanato.

A gente conhecia a Idaura daquele momento assim, de ter nos chamado atenção e ter nos causada bastante piedade na Igreja. Há um detalhe a gente já conhecia a família da Idaura, o pai a mãe.

E o Chico que era muito conhecido na Igreja que cantava com conosco no coral, era uma pessoa muito dedicada à Igreja, na juventude ele tinha sido presidente da juventude, uma pessoa sem estudo mas muito autodidata, era o irmão da Idaura. Então esta acolhida se deu pela família da Idaura com a gente e da gente com a família da Idaura pela o conhecimento com a família da Idaura. Sempre tive um carinho muito grande pelo seu Belizário e vó Eleodora pessoas muito humildes muito pobres, mas muito fiéis a Deus. E moravam num lugar perto da Igreja, mas assim muito humilde, ele um trabalhador seu Belizário era um jardineiro de mão cheia, ele trabalhava em jardins de gente de dinheiro da cidade. Ele tinha vindo da colônia, tinha suas terras, ele tinha muita vontade de continuar mexendo com a terra. Onde ele morava era dentro de um pátio e não tinha o cantinho dele, acho até que de repente ele tinha um pé plantado de chá por ali mas ele não tinha espaço. Então ele fazia e vivia daquilo que ele sabia fazer que era mexer com a terra, então ele trabalhava de jardineiro, ele cuidava de mais de uma casa de jardins da cidade de Pelotas de gente com dinheiro.

Eu lembro dele porque nos morávamos para mesmo lado. E eu lembro dele voltando com a enxada, com a vassoura, o ancinho no braço todas as tardinhas ele voltando, com cigarrinho na boca. Sempre muito alegre cumprimentando todo mundo, apesar de parecer uma pessoa ranzinza ele era uma pessoa muito fácil de lidar e muito amiga da gente, talvez ele fosse ranzinza com os problemas dele, com a dificuldade com a necessidade da batalha do dia-dia.

E aí também o que me lembra bastante e que a Idaura tinha umas quantas irmãs, nos tínhamos mais contato com o Chico. Tinha uma muito doente e que tinha uma filha pequena que tinha mais ou menos a idade da mãe da Raquel- Neiva

talvez. Então a Alvacira era uma criança muito fraca, ela já era uma criança grande e ela andava num carrinho de bebê carregava ela para Igreja a vó Eleodora cuidava muito dela porque a mãe dela tinha tuberculose. Um fato que não sei se já conversei isto com Raquel duas ou três tias avós da Raquel morreram de tuberculose a Elza que a mãe da Alvacira, a mãe do Armando que morreu depois deixando o Armando com três anos , então tinha os irmãos maiores mas ele tinha três anos. O Armando se perdeu na vida. O Armando morou com a gente durante onze meses, mas preferiu a rua. Eu perguntei para ele, e disse para ele o seguinte: tu vai ter que optar eu não vou criar um menino para ser um malandro na rua, só quero que tu estudes consegui um colégio. Ele teve em dois colégios, ele fugia da escola eu e o pastor Hermann eram responsáveis por ele na escola, ele fugia da escola. Quando a Neusa se operou retirou um rim, ele fugiu da escola, roubou uma rosa no meio do caminho e foi no hospital visitar a Neusa, e Neusa disse: “Armando tu tinha que estar na aula”. E ele disse:- “Eu tive uma vontade muito grande de vir aqui te dar um abraço e eu me lembrei que estavas sozinha”. Ele tinha um momento de carinho muito grande, que é bem próprio desta família que todos eles são muito amáveis muitos primos deles muita gente todo ele continuam na Igreja e todos se envolvem como família. E Armando por ser um menino muito bonitinho ele, o usavam no bom sentido, a princípio e todo mundo dava na Procópio, uma loja dava uma par de sapato outro dava uma roupa e ele se acostumou a ter as coisas facilmente. Eu disse para ele: “tu vais ter tudo aqui. Quando ele foi lá para casa não tinha nada de roupa de menino, consegui com a vizinhança o mandamos para o colégio tudo muito bonitinho. Ele não agüentou o controle de terem horários, de ter que estar em casa. E com tempo, que nem um passarinho quando aqueceu o tempo ele foi embora. E mais tarde com muito pesar , o Armando morreu de uma overdose foi encontrado dois e três dias morto abandonado em um campo, nunca soube a história direito e até hoje mexe comigo falar nisto.(se emocionou)

Mas nesta época eu pulei esta parte. Aí, que a Neusa, que nos chamamos de Little, já morava conosco, porque quando eles voltaram de Moreira que eu não sei precisar o tempo mas a Raquel tem como precisar isto com a vó dela. A nossa mãe tinha falecido e nosso pai tava bebendo então nos trabalhávamos dia-dia e estudávamos de noite a Nilva era muito pequena. Quando mãe faleceu ela só tinha doze anos e ficava Neusa e Nilva em casa depois, me parece que Neusa também foi estudar a noite e aí então a Idaura tinha voltado de Moreira com as crianças já

estavam maiorzinhos. Nesta época a Little já tinha doze anos, doze deixa eu ver ela é de 57, não eu acho que ela tinha mais ou menos. Isso dá para verificar depois as idades, ela é de 57 isso era de 65 então ela tinha oito anos, é oito anos só, oito talvez ela tivesse uns nove anos. Acho que Nilva que tinha doze, talvez elas tivesse uns dez a doze anos, e aí eles tinham voltado tinha aquele problema assim de se acomodar, estava com o vô Belizário e vó Eleodora, a princípio a Idaura foi para lá.. E aí então eu perguntei se ela não podia ficar fazendo companhia com a Nilva, ela foi morou conosco por dez anos. Porque chama Little porque Little em inglês é pequena e tinha Neusa grande e a Neusa pequena. Então em função da Little vir morar conosco da Idaura continuar com os filhos na Igreja , a gente continuou com esta relação que vem até hoje .

. A Little morava conosco e ela dormia no beliche na minha cama e muitas noites eu acordava com a cama tremendo era ela que estava chorando, preocupada com a mãe e a irmã. A preocupação dela foi tanta que com o tempo nos já morávamos na Cohabpel, ela não teve coragem de dizer que queria ir embora (pausa) Infelizmente. Já fazia parte da nossa família, mas ainda nos damos bem até hoje. Deixou um bilhete dizendo que iria embora, mas intenção dela era boa, ela cumpriu o que ela tinha dito no papel.

Quando a Raquel chegou aqui, ela tinha três anos e meio. Como a Idaura disse para Neiva a filha é tua tu tens que cuidar. Ela ia procurar o sustento da filha trabalhando, o que ela sabia fazer era faxinar. Ela ia faxinar e levava a Raquel junto, acho que para Raquel se entreter ela dava um pano para Raquel. Enquanto ela trabalhava, ela dava um paninho para ela. Porque quando ela chegou aqui e a gente dizia vamos brincar? Ela dizia vamos então dinda me dá um paninho dinda. A gente não entendia a história do paninho e dava o paninho e ia ver o que era, ela ia para o azulejo do banheiro ou da cozinha e começava a passar aquilo. E a gente dizia:- o que isto? Ela dizia: - "Tô brincando". Então eu acho que isto, nunca perguntei para Neiva e deve ter sido o que ela dizia quanto a mãe limpa, tu fica brincando. Porque a Raquel não sabia brincar, a Raquel não sabe até hoje.

Eu lembro que comecei a viajar para EUA eu trouxe um apartamento da Barbie, eu trouxe bonecas a Raquel nunca soube brincar. Ela até brincava, não dava valor como qualquer outra criança daria, ela até brincava quando a gente insistia muito nisso. Mas Raquel não sabia brincar, como depois a Ida também não sabia brincar, mas Ida brincava com quebra -cabeça outras coisas, já Rose sempre foi

muito maternal a Rose brincava com as bonecas como a Luiza é hoje. A Rose depois de botar as bonecas dormir às vezes ela pegava um tênis de adulto e fazia de boneca enrolava numa fralda e fazia de boneca. Eu queria colocar isto para ver que as diferenças que as crianças são diferentes realmente. Agora Raquel nunca tinha tido um brinquedo, a Raquel não sabia brincar com brinquedo, para ela brincar era pegar um paninho. Isso sempre nos tocou, nos emocionou muito de ver como Raquel com três anos meio, coisa que uma criança de três anos e meio já tinha um monte de brinquedo um monte de coisa. A preocupação da Neiva era com o sustento da Raquel.

E aí ela vinha visita, ela vinha visita a Neusa e nos visita aqui, mas aconteceu que uma época que a Neiva veio trabalhar no prédio, lá no primeiro andar na casa de umas amigas nossa. Então ela não dormia na casa, ela ia e vinha, ela trabalhou um tempo na casa da Nilzinha ela dormia, mas nessa época, a Raquel já morava conosco. Mas nessa época que ela trabalhava na Idene ela ia e vinha todo o dia, mas sempre carregando a Raquel.

Porque a Idaura trabalhava no restaurante todo o dia, não que ela falasse não vou cuidar a tua filha, ela tinha um emprego fixo, de carteira assinada que ela não podia faltar, então a Neiva trazia todos os dias a Raquel. E as vezes a enquanto ela trabalhava lá embaixo a Raquel passava o dia conosco, a Neusa pedia para deixar a Raquel aqui. E aí aconteceu talvez tenha sido isto, que veio o inverno àqueles dias frios, chuva então a Neusa disse : -“Neiva porque que tu não deixas a Raquel ficar durante a semana aqui e aí eu cuido dela e aí tu não precisas carregar ela com este frio, chuva. E assim a Raquel começou a vir para a nossa casa, a princípio ela ficou uma semana, não sei a Neusa precisa melhor isto, o tempo.

E de repente a Raquel ficou conosco sempre. Até porque a Neiva tinha outros filhos, a Raquel já tinha outros irmãos. Até a pedido da Idaura, com consenso da Idaura, me lembro de uma conversa Neiva , Idaura e Neusa.

A Raquel veio para ficar um tempo e acabou ficando de vez e só saiu quando queria ter a casa dela, ninguém correu, ninguém disse vai te embora, a casa dela até hoje é aqui.

A Raquel ficou 23 anos direto, aonde mostrou um mundo de insegurança de um lado, muita certeza de outro. O engraçado que a insegurança da Raquel veio no colégio na dificuldade de aprender, mas depois com ajuda da vó Maria lá na praia, que foi peça fundamental na vida estudantil da Raquel.

Tu de das conta disso, Raquel? A dificuldade que ela tinha de aprender as coisas, que no colégio a primeira experiência não foi nada boa. Com a professora que não foi nada pedagógica, nada humana ela entrou para o colégio em março e em setembro não conhecia uma vogal .

Andréa veio numas férias e com a mesma idade dela e perguntava as coisas e ela dizia é A, é B é C é O a Raquel não sabia. Foi quando a Neusa se deu conta já era setembro, que ela não sabia nada e estava sofrendo, tirou ela do colégio. Ela perguntou não vou ficar burra? Eu não vou ser burra ?

E foi quando a Neusa descobriu que alguém tinha chamado de burra na escola, parece que foi a professora que disse: tu é burra mesmo. Fez todo um péquepé foi lá e fez, resolveu o problema e decidiu tirar ela da escola.

E durante as férias de verão a vó Maria, que é uma pessoa muito importante a vó das gurias até hoje, a vó que as gurias conheceram a vó Maria e vó Luís. A vó Maria era uma pessoa que recém tinha se aposentado de 30 anos dando aula para primeira série e nos perguntou se gente queria que alfabetizasse a Raquel.

O interessante é que para Raquel era tão importante a escola, que apesar de ser um pátio grudado e ligado até por um caminho e um portãozinho, Raquel levava mochila merenda. E a vó Maria via que aquilo era importante, e a vó queria convidar ela para um lanche na hora, a vó Maria tomava o café ela tinha a hora do recreio.

E a gente ouvia lá de casa, com que carinho a vó Maria ensinava ela: Olha as amiguinhas de mão dada o nh, o lh. De uma maneira muito carinhosa em dois meses alfabetizou a Raquel.

A partir daí eu sempre digo, se um dia Raquel fizer um trabalho de conclusão. Acho que nunca te falei? Acho que ela não poderia deixar de citar a vó Maria. Se alguém deu a arrancada inicial, pela esta vontade de engolir letras. Ela tá sempre lendo e querendo mais, este alguém foi Vó Maria Abib de Castro Porque ela despertou aquilo que estava adormecido e assustado dentro da Raquel, que eram as letras, ela não conhecia e queria aprender e era como se fosse um cego tateando no escuro. E a vó Maria abriu este caminho para ela e sempre digo vó Maria abriu e hoje ninguém segura. Porque a Raquel hoje é um rato de biblioteca.

E aí ela foi para o Pelotense, ela foi da primeira turma de primeira série do ensino fundamental do colégio Pelotense, ali ela deslanchou muito bem. Porque agora não era só ambiente que tinha mudado, mas principalmente que agora ela

sabia, ela entendia o que ensinavam para ela, ela conhecia as letras. E a partir daí a Raquel passou sem medo para os estudos, outra criança para os estudos querendo cada vez estudar mais!

Passou sobre alguns problemas de preconceito, felizmente não deixamos ela sentir isto. Porque quando a Little estava aqui em casa nos percebíamos que Little sofria muito, muito como os negros eram maltratados quando deu na televisão a mini série Raízes, a Little via e chorava muito, e ela chorava muito aqui sentada no sofá, dizendo porque faziam tanta injustiça com os negros e ela se sentia muito inferiorizada por ser negra.

Então a gente se preocupou tanto com isto, que quando a Raquel chegou aqui casa, nós não queríamos que ela passasse por isso e tivemos o cuidado que ela aceitasse a preta de uma maneira normal. Então ela era a preta velha, era a nossa pretinha, nossa preta velha. E interessante quando chegou a Ida e Rose, e nós a chamávamos de preta velha cachorrenta uma maneira carinhosa, pode não parecer, uma maneira muito carinhosa de chamar. Então um dia ela disse: eu sou a preta velha cachorrentona, a e a Ida e Rose é preta velha cachorrentinha. Te lembra, disso? Isto eu não me lembrava. Ela determinou que seria assim porque para ela era um carinho.

Isto foi muito bom porque no primeiro dia que ela foi à aula no Cassiano ela voltou para casa. Lembro que a Neusa dizia que preta velha era a mesma coisa que chamar de querida, minha pretinha e minha preta isto foi muito bom. Porque no primeiro dia que ela foi à aula no Cassiano, aonde hoje a gente tem certeza que ela sofreu muito preconceito e talvez por isso a sem se dar conta ela tivesse não aprendido...Ela sofreu, era sofrimento. Depois tu voltaste a estudar lá, né?

Agora era diferente, tu já tinha mais bagagem, a Nilzinha estava lá para dar apoio moral, brigava com as professora quando sabia de qualquer coisa. Um detalhe ela chegou em casa ela disse assim: "as minhas colegas me chamaram de querida assim como vocês me chamam. A gente perguntou porque? Elas disseram olha lá a preta!!! A gente sabia que era uma maneira de discriminar, mas felizmente para ela tinha sido uma maneira de chamar de querida que nem nós a chamávamos. Isto foi bom porque ela não sofria da mesma maneira com preconceito que Little. De maneira tão séria isto ajudou que ela tem o maior orgulho de ser negra, de nunca esconder as raízes dela e engraçado as pessoas que convivem conosco e conviveram sempre nunca enxergaram a Raquel como diferente de raça, não que

ela tivesse vergonha de ser preta as pessoas enxergavam a Raquel como uma de nós uma Müller.

Uma coisa que eu sempre tive muito cuidado, hoje o dinheiro não dá, eu nunca quis me associar num clube que não aceitasse entrada da Raquel por ser preta, e aí onde eu descobri que isto poderia acontecer era na União Gaúcha, depois na Libanesa por causa da piscina. Coisa que eu tinha o maior cuidado para ela não fosse preterida ou segregado por que ela tem uma cor diferente da nossa

Agora eu lembro que algum lugar não poderia, entrar e gente sempre cuidou, sempre foi lei aqui em casa onde a Raquel não pudesse entrar nos não vamos também. Assim como a gente já tínhamos tido todo este cuidado com a Little, que gente nunca deixou de ir lugar nenhum porque ela não pudesse ir, e aonde a gente foi sempre levou ela junto como nossa filha. E até hoje a Little, ela tem um filho que meu afilhado que me considera como vó dele. E me chama de Vó.

Bom Raquel é batalhadora ela merece e Deus não esquece aqueles que o amam e aqueles que procuram com o seu trabalho seu esforço seu suor, com sua dignidade conseguir o que querem. E Raquel vai chegar lá eu tenho certeza. Só espero, que se ela fizer uma faculdade, uma outra coisa, que ela se forme e nos de este prazer de irmos a formatura dela, porque ela nos negou este prazer. Eu quero montar uma foto das três em uma, com a Raquel, a Rose e a Ida de formatura.

4 EU NELAS ELAS EM MIM: COMO ELAS ME AJUDAM A TECER

“Acho que alguma coisa se liberou em mim, o que faz com que eu comece a escrever.” (MARQUES, 2001, p.34).

Acredito que neste percurso de escrita, após a qualificação consigo dizer e compreender aquilo que eu sussurrava no papel, digo sussurrava porque tinha medo das palavras, de certa forma havia um pouco de angústia de re-visitar minha própria história. Tenho a intenção neste momento de escrita desta análise de que as histórias contadas possuam *historicidade*, como chama atenção Osório Marques (2001, p. 41):

Dessa forma, a escrita não tem simplesmente uma história; ela possui historicidade, isto é, a capacidade de produzir-se e produzir seu próprio campo simbólico, social e cultural, de constituir-se na constituição da história, a sua e a geral, e na ruptura com as formas que criou.

Hoje, após este percurso investigativo e as trilhas possíveis apresentadas pela banca de qualificação vejo que como mulher negra não desejo definir oposições entre os imaginários das minhas mães mulheres negras e brancas, porque eles me constituem, me matriciam, sendo de etnias diferentes.

Deixara de querer definir-me por oposição a outrem, queria reconhecer-me nas minhas idéias forças. Senti progressivamente a necessidade de saber como e porque acredito no que acredito, como e porque penso como penso e no fim de contas, de reexaminar o que penso nas suas próprias raízes (MORIN, 1995, p. 9).

Acredito que o move minha escrita é o que sou hoje, a mulher-negra-professora escrevendo sua história em forma de dissertação. Onde estas todas sou eu, sem deixar de ser nem por um minuto qualquer uma delas. Somos quantos o nosso corpo possa suportar, como diz Peres (1996, p. 24) “somos muitos, muitos outros nos habitam [...] compondo o grande espectro das interações, como parte importante de nossas aprendizagens“. Ao longo das narrativas, encontrei algumas

sincronicidades¹² que chamarei de “núcleos simbólicos” onde as minhas mães mulheres, vão desvelando minha vida.

A partir das narrativas vou compondo minha Colcha de Retalhos trazendo à luz esses núcleos e imagens que foram me constituindo e que ainda me constituem... Esses núcleos e imagens estão intimamente ligados com os conceitos que apresento ao longo desta dissertação: *idéias-forças*, *matriciamentos*, *reservatório-motor*:

Para dar início e sentido para esta análise acredito ser propício trazer neste momento nas palavras de Machado da Silva (2003, p. 11) para demarcar o campo teórico do imaginário. Ele “é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de um grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida”.

Essa premissa teórica está intimamente ligada às Mães-Mulheres na minha vida. Encontrei como núcleos simbólicos os seguintes: família de mães-mulheres, o espaço-casa-Igreja como lugar de encontro e Silenciamento.

4.1 Família de mães-mulheres

A família sempre foi o lugar não apenas do sustento material, ninho, abrigo, mas, sobretudo o lugar primeiro da educação, ali onde os seres humanos são iniciados à sua própria humanidade e à humanidade dos seus semelhantes. (OLIVEIRA, 2003, p.40).

Em ambas as realidades étnicas o feminino é responsável pela criação; as mães mulheres que elegem e regem suas histórias, diria que são protagonistas de suas existência.

Ser mãe... Mães adotivas... Filha de criação

A figura da Mãe é o grande centro de minha pesquisa; nesta relação se sustenta e se mantém o vínculo destas mulheres e meu próprio.

¹²Em consonância a leitura de Peres (1999) acerca dos conteúdos da Psicologia Analítica, as sincronicidade são convergências de sentido que tem àquilo que no senso-comum, chama-se acaso. Aqui quer denotar a força de sentido das repetições simbólicas presentes nas narrativas.

Todas as imagens das mulheres estão diretamente relacionadas como atributo de ser mãe. Não conseguem se pensar, não sendo mãe. Desta forma, esta relação interfere em suas escolhas de vida, no cotidiano...Carregam seus filhos para o trabalho, para sua vida religiosa, para sua escolha profissional: professoras, cozinheiras, empregada doméstica.

Diria que em minhas mães-mulheres negras existe toda uma história étnico-racial -negra, que torna suas vidas diferentes e sofridas. Em relação às minhas mães- mulheres brancas, a história não é demarcada pelo sofrimento étnico.

As mães-dindas apontam nas narrativas a questão étnica quando contam a história das mães-mulheres negras. Há sim, na situação das mães-mulheres brancas, uma condição financeira precária, uma ausência paterna como provedor da vida econômica e até mesmo afetiva, presente também na vida das mães-mulheres-negras. A realidade vivida pela minha Vó como mãe e a intuição que tinha sobre como a situação de nossa família estava e poderia ficar mais precária, devido a toda uma condição sócio-histórica, que percebesse que a melhor atitude a tomar seria que eu fosse criada pelas Müller, como diz a minha própria Vó, conversando com a minha mãe que sempre relutou diante desta situação. Relutou porque não queria ficar longe de mim. E lutou, sempre trabalhadora, mostrando que poderia criar seus filhos com o suor de seu trabalho.

Diante da situação vivida por ambas, diria que houve um acolhimento dos diferentes, mas próximos pela religião e pela condição de mulheres de classe popular. Assim, sou filha de criação devido a toda uma circunstância...Mãe, solteira, pobre, negra. Mas também devido a todo um imaginário que é reservatório/motor, que mobiliza nossas ações diante daquilo que acreditamos possível, mesmo diante das impossibilidades, diria que é **criador** de ações, desejo que se manifestam em solidariedade, esperança. Assim minha Vó, juntamente com minha mãe, e consequentemente com minhas mães-dindas, mostraram que:

O imaginário é sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (MACHADO DA SILVA, 2003, p.12).

Nas narrativas sobre minha história, alguns fragmentos...

E foi criada com dindas...Depois de três anos tive que deixa, ela ir para madrinha dela, **porque eu não tinha condição de cuidar dela...(Mãe).**

*E aí aconteceu talvez tenha sido isto, que veio o inverno aqueles dias frios, chuva então a Neusa disse : -“**Neiva porque que tu não deixas a Raquel ficar durante a semana aqui e aí eu cuido dela e aí tu não precisas carregar ela com este frio, chuva.** E assim a Raquel começou a vir para a nossa casa, a princípio ela ficou uma semana... (Mãe-dinda Neli)*

*Fui eu e a tua mãe. Foi nós duas que escolhemos, e eu achei bom eu pensei que elas podiam ser umas **pessoas suficientes assim, que tinham jeito para criar, para ser mãe de criação**, já estavam criando. Eu disse convida elas, para madrinha, **mãe de criação.** (Vó).*

De certa forma as palavras da minha Vó, estavam carregadas de desejo, desejo de vidas melhores...”portanto, a palavra é fecundadora, de verbo que traz o germe da criação...Ela plasma o desejo, antes mesmo que qualquer “coisa” tenha tomado forma — a palavra, “prenha” de desejo é geratriz de realidade.” (PERES,1999, p.10).

Mulheres–acolhimento

Este é um ponto de diálogo entre minhas mães-mulheres que se perpetua até hoje, ambas mulheres que cuidam de outras mulheres, se enxergam próximas pela vida. Penso que a origem de classe popular e de minhas dindas fez com que tornassem mais sensíveis as questões. Que envolviam a minha família negra. Mulheres em dificuldades, que enxergam outras mulheres.

Criaram redes de solidariedade mediante um mundo tão desigual... e assim se resistiu, isto, não é conformismo. É resistência!

*A gente já se conhecia eram minhas amigas lá de Canguçu, só que a gente não se via tão seguido. Eram nossas vizinhas de Canguçu, **assim elas me deram uma força criaram a Raquel e a minha filha mais velha também, dez anos morou com elas. Eu trabalhei com elas, ajudava elas enquanto, elas trabalhavam, ajudei elas, e então enfim... (Vó).***

E me lembro que o pessoal lá de fora tinha este costume, nos morávamos em Canguçu tínhamos um restaurante. Então havia assim, parece no pensamento das

peessoas, como se fosse um local onde as pessoas poderiam chegar. Era o lugar onde as pessoas se sentiam a vontade porque **a minha mãe era de coração muito grande, uma abertura muito grande de recepcionar as pessoas...(Mãe-dinda Neli)**

Um elemento interessante para trazer para este diálogo é própria imagem da mãe das minhas mães-dindas. Quando se referem ao espaço do restaurante onde homens e mulheres negros e brancos freqüentavam, final dos anos 1950.

Aprenderam e ensinaram umas para as outras que família se constitui de diferentes formas. Família não é somente um feito biológico, é uma conspiração entre o desejo, a vontade e a realidade...Criaram as filhas e filhos de nossos parentes mais próximos ou mais distantes. Somos mulheres-mães de nossos sobrinhos, mães de nossos netos, mães de nossas irmãs. E mães de nossas mães... Mães do coração...Mães de criação... Mães adotivas como diz Peres (1999, p.10) quando escreve que esta mulher, “ é fecundada pela força do desejo e pela força da palavra. Nos tratados sobre os símbolos encontramos dois tipos de palavras: a palavra seca e a palavra úmida. E o curioso, é que somente a palavra úmida germina, talvez por vir regada de desejo de criação.

As mulheres negras muitas vezes não puderam criar seus filhos sendo, uma das marcas da diáspora este movimento de êxodo do povo de origem africana no período da escravidão e também pós-escravidão, ocasionando filhos órfãos de pais e mães vivos.

Presença/Ausência do masculino

Todos os homens de nossas famílias são de passagem, parece que não vieram para ficar... Em todas as narrativas fica evidente a força do discurso e da vida em um universo nucleado por mulheres. Os modelos de existência são mulheres. Minha Avó era um modelo para as minhas dindas. Nunca esqueceram da cena, que era protagonizada pela minha avó e suas filhas e filhos. Fica evidente a identificação, já que a mãe das dindas após este encontro havia morrido. O núcleo familiar delas dependia de suas forças: como mulheres, isso de certa forma lhes aproximava.

A falta do masculino era um sentimento coletivo que transparece, em minha vida, mas reflexo deste coletivo de mães-mulheres, a figura paterna está sem marca

corporal, é ausente. As imagens são buscadas nas presenças masculinas mais próximas como, vizinhos e pais de amigos de infância.

*Mas tinha uns problemas de **falta de pai**, que a gente sentia, eu me lembro...*

(Mãe-dinda Neusa)

As mães-dindas fazem uma análise do Vô Belizário, Tio Chico e do Armando homens de minha família de forma amorosa, (primo de minha mãe). De certa forma, revelam a beleza dos homens negros pela atitude religiosa e pela postura de trabalhadores ou pela característica presente na família que se expressa nas ações mais transgressoras de Armando, no seu jeito **carinhoso** de ser...poderia falar de ternura presente no masculino..."Muito mais do que ser uma atribuição de gênero, a ternura é um paradigma de convivência que se deve ser adquirido no terreno do amoroso, do produtivo e do político, arrebatando, palmo a palmo, territórios em que dominam há séculos os valores da vingança, do sujeição" (RESTREPO,1998, p.13).

Assim batalharam por suas vidas... Na minha família-negra, viveu-se a tentativa de homens e mulheres constituindo e compartilhando o mesmo espaço. Em nossas famílias Muller e Silveira as mulheres são modelo delas mesmas, espelhos de si próprias.

*... **Senhora preta muito alta e magra, com três crianças bem pequenas, que era tua mãe, a tua tia Neusa e o teu tio Rudinei. Aí ela tinha vindo de Canguçu e o pastor falou que aquela família precisava da ajuda da gente, que ela tinha sido abandonada pelo marido e iria para o orfanato. (Mãe-dinda Neusa).***

*Depois eu a Neusa e Nilva, quando a **mãe** faleceu passamos um mês lá, e podemos conviver bem com a realidade de Idaura das crianças lá. (Mãe-dinda Neli).*

Entretanto hoje, na maioria, são mães-mulheres (mãe, avó, dindas), sem ter o masculino como presença afetiva. Entendo que as mães-mulheres são guardiãs de si mesmas, de nossos sonhos, nossas lembranças, de nossas dores O nosso patrimônio é a nossa própria existência. A legitimidade da vida está em "ser e torna-se mãe", que chamaria da grande (sens)ação destas vidas. Peres (1999, p. 9) *pode-se inferir que nenhuma mulher nasce para ser naturalmente mãe, sobretudo torna-se. Estas mulheres fecundaram-se desta idéia...* E gestaram de diferentes formas filhos e filhas.

Neste momento sinto um verdadeiro tear, um tecer entre os meus matriciamentos, "idéias-forças" que constituem o imaginário como reservatório/motor de nossas existências, nucleado pelo universo de mulheres. Assim, minha

compreensão sobre a humanidade ressoa também com os sonhos de Muraro (2003):

Temos certeza de que essas estruturas [autoritárias e preconceituosas] estão explodindo graças à emancipação da mulher e das etnias oprimidas, minando o patriarcado/ capitalista em suas próprias raízes no inconsciente das crianças. Inclusive o homem já está iniciando a sua transformação. Se não houver uma revolução do homem, a revolução da mulher ficará pela metade, e nada acontecerá. E a revolução de ambos não é uma nova competição, mas a vivência concreta do amor. Resta-nos, portanto, ajudar esse novo mundo a nascer.

Quem sabe, sem saber, estas mulheres em mim estão ajudando esse *novo mundo a nascer...*

Decorrente de uma condição humana que as aproximava, eram mulheres que dependiam exclusivamente de si mesmas. A imagem de uma mulher negra que cuida de seus filhos e que os carrega no colo e pela mão. Ficou guardada...*porções da memória* (REIS DA SILVA, 2005). Eram mães-mulheres, neste momento minha Vó é grande figura, mãe forte e fisicamente fraca. Acredito que esta imagem de minha Vó, como as imagens que tinham da postura da sua própria mãe moveu a relação das minhas mães-mulheres.

*Quando a Raquel chegou aqui, ela tinha três anos e meio. Como a Idaura disse para Neiva a **filha é tua tu tens que cuidar**. Ela ia procurar o **sustento da filha trabalhando**, o que ela sabia fazer era faxinar. (Mãe-dinda Neli)*

Este movimento rememoração, de certa forma, considera um espaço onde a celebração à vida e ao feminino, que regem a minha trajetória de professora, toma sentido quando Bosi (apud LACERDA, 2000, p.85.) diz que “rememorar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social e referenciada pelos significados do imaginário social de um grupo”.

Saber-se negra é viver... a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades, buscando mudanças que criem novas relações de poder na sociedade (Silva, 2002, p.10).

Quando penso no que a autora coloca, acredito que neste tempo presente recrio *buscando novas relações...*

Entendo que o imaginário como reservatório–motor me possibilita re-significar a minha existência a partir da trajetória de rememoração que este trabalho apresenta. Há algo no corpo que implode e explode devido ao movimento das

imagens, marcas, falas, sentimentos de ontem e de hoje, demarcados pelo sujeito do e no presente, eu mesma. Assim, o buscar do "sentido das trajetórias com seus símbolos e suas interfaces, é lidar com a complexidade como mistério de existir" (PERES, 1999, p.12).

As mães-dindas, vó e mãe biológica, representa o meu modelo princípio de resistência, minha fortaleza, meu desejo de vitória e de agrado, meu colo. Cada vez mais, penso que buscamos o simbólico para poder dizer o não dito.

Isso nos faz pensar que o símbolo da mãe assume o valor de um arquétipo. Encontra-se no símbolo da mãe a mesma ambivalência que nos símbolos da terra e do mar. (CHEVALIER E GHEERBRANDT apud PERES, 1999, p. 9).

Numa espécie de dança entre o subjetivo e particular com o objetivo e universal, na mistura de meus desejos acadêmicos e meus desejos de mulher-negra não sou um único corpo em um movimento de corpos em mim. Quando falo em corpos que são visto e produzidos para serem dóceis, disciplinados, nas próprias relações onde o exercício do poder se faz, os corpos femininos estão a todo o momento exercendo e produzindo o seu poder de diferentes formas...

Quebrar os ritos de ficcionalização da mulher negra, tecer outras dobras, desdobrar seus contornos e alinhavos, ferir as imagens vividas são atos performados que desvelam, na rasura dos véus da tradição poética e ficcional, outras possíveis silhuetas do feminino corpo da negrura (MARTINS, 2000, p.178).

Sou um pouco de tudo que vivi e do que não vivi; não quero lamentar, quero contar histórias. Sou um corpo, um corpo dançante, um corpo mulher com entrelaçamentos de todos estes e do que está por vir. Acredito e sonho com um espaço educacional, de múltiplas danças, de uma pluralidade de movimentos, uma diversidade de corpos que precisam ser percebidos, vistos e imaginados. Onde se respeitem as múltiplas pertenças, a filha adotiva de mulheres de origem alemã, a filha e neta de afro-brasileiras que se reúnem ou se encontram no espaço religioso luterano.

Em cada homem se reencontra pertenças múltiplas que por vezes se opõem entre si e o obrigam a escolhas dolorosas. Para alguns, a questão é evidente ao primeiro olhar; para outros, teremos de fazer o esforço de a olhar um pouco mais de perto (MAALOUF, 2002, p.12).

Por isso num movimento de re-descobrir, o meu corpo coreografou poeticamente este trabalho científico/poético/ético/estético.

Um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres em que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que o nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes. (MERLEAU-PONTY apud FERREIRA SANTOS, 2004, p.170).

O meu corpo como nó de significações vivas, como obra de arte, aprendeu com as mães-mulheres e as imagens-lembranças destas em mim: de tricoteiras, cozinheiras, professoras, empregadas domésticas. A tecer, a re-inventar a vida no simbólico da: comida, a colcha feita, o blusão, a cada casa limpa arrumada no final do dia de trabalho. E assim percebo que

... O papel profundo do símbolo: a confirmação de um sentido para liberdade pessoal...a transformação simbólica só pode ser efetuada, em última instância, no cadinho de uma liberdade. E a força poética do símbolo define melhor a liberdade humana do que qualquer especulação filosófica (MARQUES, 2001, p.49).

E elas me ajudaram a ver o mundo e, hoje, a escrever parte desse mundo, porque são, ao meu entender, artesãs de suas histórias onde misturaram: sabores, fios, ingredientes...Sentiram no corpo e com o corpo suas vidas de mães-mulheres. Desta forma, propiciaram que eu fizesse esta escrita da mesma forma. Não uso linhas, lãs, alimentos ou aparatos do trabalho doméstico (sabão, água, produtos químicos, fogo, etc). Neste momento:

Sou a mão que escreve...O resgate da mão no escrever significa introduzir insidiosa e sorrateiramente uma subversão de nossa culturas, um início da derrotada do império do olhar, onde as coisas aparecem feitas, não por fazer. Sob a ótica do olhar, a imaginação é simplesmente reprodutora, mera cópia; no artesanato da mão que escreve, a imaginação se faz criadora a operar no irreal do ainda-não. Por isso escrever se situa nos limites do sonho, de todos os sonhos humanos, os da sujeição e os da emancipação. (MARQUES, 2001).

Assim nossas “mãos”, em diferentes momentos, tramaram nossas histórias. Em cada momento havia um objetivo, uma invenção criativa de nossas próprias vidas, diante das possibilidades-realidades-imaginação...De mulheres negras e brancas. Estão presentes em meus matriciamentos, de minhas mães-mulheres, e

tomam força passando de gerações para gerações *idéias-forças* que matriciam nossas vidas de filhos e filhas, tanto da família de origem negra como de origem alemã.

Acredito que a vida das minhas mães mulheres e os laços afetivos que instituíram não fizeram cair na desesperança...Percebo que a esperança evocada na relação afetiva de minhas mães-mulheres me ensinaram a olhar o mundo, as pessoas e como quero estar inserida nas lutas...e assim quais as palavras que quero proferir...

Mas parece-me importante que cada um de nós tome consciência do fato de que as nossas palavras não são inocentes e de que as mesmas contribuem para perpetuar preconceitos que demonstram ser, ao longo da história, perversos e assassinos. Porque é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas pertenças mais estreitas e é também o nosso olhar que tem o poder de os libertar (MAALOUF, 2002, p. 31).

Percebi durante o período da pesquisa que minha Vó está sempre envolvida com visitas para doentes, pessoas que sofreram perdas familiares. A minha Vó leva sua voz para diferentes locais através do coral da Igreja: hospitais, asilos, casas, outras congregações religiosas e até mesmo para os teatros e eventos de nossa Igreja. Mas há outro atributo que considero uma forma de partilha, de solidariedade, palavra tão em moda em nossa sociedade, mas pouco vivida. O cozinhar, um saber tão seu e ao mesmo tempo tão ancestral. Cozinhar é uma ciência-poética com sabor. Minha Vó faz alquimia no fogão, não como relação de submissão, mas como reinvenção das suas vidas. Muito tempo minha Vó foi cozinheira para os outros, assim mantinha seu sustento e dos filhos.

Muitas vezes, diante de momentos extremamente complicados financeiramente, inventava novos cardápios, que nem eram tão novos assim, porque estavam guardados na memória, ensinados pela minha Bisavó Eleodora, como: café com farinha de mandioca, somente abóbora com farinha de milho, banha com pão, pão “asmo” feito com farinha de trigo, óleo, sal e sodinha.

Hoje a Vó cozinha para as atividades da Igreja, lugar em que se sente bem. A dona Idaura é uma cozinheira de mão cheia, acredito que ela cozinha com todo corpo. Transforma, reinventa sua própria história no fogão. Acredito que muitas de nós, mulheres, fizemos isto e saliento as mulheres negras, como diz Reis da Silva

(2002, p. 184) “o reflexo do trabalho destinado às mulheres negras após o dia 13 de maio, assumiram o trabalho de lavadeiras, cozinheiras, vendedoras de doces...”.

Descendência...

O que me chamou atenção nas narrativas, e que nem havia percebido de forma tão explícita ao longo dos meus vinte nove anos foi a relação tão intensa e longa no tempo, existente entre os dois núcleos de mulheres. Fui buscar as origens, os elementos que pudessem dar sentido a este acolhimento. Neste percurso descobri a descendência pomerana de minhas mães dindas. Grande parte dos “alemães” da região de Canguçu e de São Lourenço são de origem pomerana. Assim resolvi perguntar para as mães-dindas Neli e Neusa se sabiam se havia descendência pomerana; confirmaram que havia por parte da mãe.

Diante desta afirmativa posso discorrer sobre este reduto de mães-mulheres. O que nos une e como diante de uma sociedade tão preconceituosa mulheres brancas e negras se agregam. Que marca, que *imagens-lembranças* podem potencializar esta relação instituída ao longo deste tempo...Os *reservatórios/motores*.

Ser mães-mulheres em uma sociedade em que os valores se constituem dentro de uma lógica patriarcal, e ser mulheres que destinham suas vidas para suas filhas e filhos. Em relação às mulheres pomeranas, busquei na história alguns elementos para pensar esta questão:

Os pomeranos que chegaram, a partir de 1824, ao Brasil, instalaram-se nos Estados do Espírito Santo (na região da serra em maior número), Santa Catarina (em maior número na região norte) e Rio Grande do Sul(grande parte na região sul do Estado). A Pomerânia foi uma terra arrasada em quase todas as gerações. Situada no litoral do Mar Báltico, com extensão de 500Km e banhada no interior por muitos rios e lagos (EGGERT, 2004, p. 8).

Não fico pensando em uma relação direta, onde o fato está presente aos olhos e ao corpo. Não falo de décadas, mas falo de séculos, de marcas que podem Ter ficado na memória das mães mulheres da família das minhas mães-dindas e que influenciaram a sua criação. Quando as Mães-dindas falam de sua Mãe fica explícito que esta era modelo de sabedoria e acolhimento, parece ser ela o referencial. Talvez reflexo da história de suas vidas e da descendência pomerana que esta mãe carregava.

A história dos pomeranos foi uma constante necessidade de adaptar a novas realidades, a novos fatos políticos. Com isso, toda sua vida se desenvolveu de maneira silenciosa, atrás de outros, sempre em segundo plano. Por isso a Pomerânia nunca produziu heróis ou grandes feitos históricos, no entendimento de historiadores (não é heroísmo terem sobrevivido nessa história tão acidentada?). O pomerano produziu, isto sim, outras características: a lealdade e uma maneira meio rude e grossa de ser! Como não se tornar rude com esse passado? A lealdade é o resultado de tudo o que a história exigiu desse povo: obstinação para sobreviver em situação quase sempre adversas. Isto só se consegue sendo leal a si mesmo, ao seu ideal e como consequência, sendo leal aos outros que estão na mesma situação (EGGERT, 2004, p. 9).

4.2 O espaço-casa Igreja como lugar de encontro

“...A casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz.”
(Bachelard, 1989, p.26).

As narrativas enunciaram a Igreja como lugar de encontro das mulheres, a religião como espaço de aproximação e pertencimento.

Ao longo da minha vida, a Igreja luterana foi muito significativa, esse espaço está marcado de fatos importantes que não desejo negar: batizado, confirmação, leituras bíblicas, orações...

Grande parte de minha vida na infância e adolescência passei dentro da Igreja e é esse o espaço da religiosidade das minhas famílias: a de origem alemã e a de origem africana. É neste contexto que tudo começa: um encontro onde as famílias criam vínculo, que perduram há mais de 40 anos. Minhas mães fizeram eu perceber o quanto a Igreja pode ser um lugar de encontro por ser um universo de pessoas, onde pessoas e, no meu caso, de origens étnicas diferentes se encontram, num desejo de sobrevivência em que potencializam forças. Mães-mulheres de classe popular. Que se encontram no mesmo espaço, a Igreja, sem ter a idéia de que são iguais, sendo e sentido a diferença.

E poderia, até mesmo dizer que diante das relações que propiciou o espaço-casa-Igreja, foi um espaço feliz. Porque as narradoras de mim e o meu próprio ato de rememorar quando se referem à Igreja, fazem eu pensar na idéia de espaço-casa, me aproximando das palavras de Bachelard (1989, p.19). “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido”.

Neste estudo não trago a Igreja como instituição, e nem busco trazer a sua história para justificar ou legitimar as *imagens-lembranças* que tenho de minhas mães-mulheres em mim. Mas pensar como ela tornou-se, pela força das mulheres um *espaço vital*... Espaço que transitam de vidas. “Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros mais antigos” (p.25).

A igreja a meu ver foi o espaço de abrigo dos sonhos mais antigos destas mulheres, onde a imaginário das mulheres sobre o espaço-casa Igreja produziu o real, suas ações e suas trajetórias de vida. Como diria o autor citado anteriormente, “as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas” (BACHELARD, 1989, p.20). Assim a família de mães-mulheres revela que o campo dos sonhos é reserva (reservatório-motor) do campo dos desejos e que os desejos e sonhos são invenções humanas...Assim revela o mais humano em nós, neste estudo vivificado: na partilha, no acolhimento, na solidariedade, nas diferenças...

Por intermédio da avó veio para Igreja, se batizou, ficou um tempo na Igreja, estudou, se confirmou, fez instrução e se confirmou. Vó que levou para Igreja). (Vó)

Mas Igreja nós nos conhecemos, e vamos permanecer na Igreja e estamos permanecendo na Igreja e até nós morrermos, até o último dia de nossa vida... . (Vó)

... Eu vou indo assim sempre na volta dos netos, bisnetos até quando Deus me deixar. (Vó)

A Vó fala da Igreja como lugar de permanência, como se desde sempre estivesse lá, na verdade ela nasceu com seus pais fazendo parte da Igreja e não pode esperar outra atitude de sua família: filhos, netos e bisnetos. Assim acredita na relação estudo e religião entrelaçados, assim o melhor para mim seria ser criada por mulheres da mesma religião. Percebo como reflexo de sua trajetória esta relação, minha Vó aprendeu a ler e escrever na Igreja, com um pastor negro.

A fidelidade a Deus neste caso aproxima...Famílias que de uma forma ou de outra permanecem na Igreja. Onde o estudo, trabalho e religião estão entrelaçados ao olhar das narradoras de mim.

*Então esta acolhida se deu pela família da Idaura com a gente e da gente com a família da Idaura pelo conhecimento com a família da Idaura. Sempre tive um carinho muito grande pelo seu Belizário e vó Eleodora, **peessoas muito humildes muito pobres, mas muito fiéis a Deus ... (Mãe-dinda Neli).***

Tem uma cena da tua vó que é muito marcante, aquela foto! **Um dia tu olha lá na Igreja, que tem o Cristo Para Todos na parede do altar.** Aquela imagem que eu tenho da tua vó, assim ela encostada da porta. Ela encostada atrás da porta da saída, tinha terminado o culto. Com o Rudi no colo e Neiva e Neusa de mão com ela encostada com ela era o retrato da miséria, magra, muito magra, muito magra. E as crianças assim com roupa simplezinhas, a gente via que ela tava assim!!!!...(expressão corporal de quem estava mau) Tu lia nos olhos dela me ajude! Socorre, me ajude! **(Mãe-dinda Neusa)**

*Ele (Armando) tinha um momento de carinho muito grande, que é bem próprio desta família que todos eles são muito amáveis, muitos primos, muita gente, **todo eles continuam na Igreja e todos se envolvem como família...** Bom, Raquel é batalhadora ela merece e **Deus não esquece aqueles que o amam** e aqueles que procuram com o seu trabalho seu esforço seu suor, com sua dignidade conseguir o que querem...(Mãe dinda Neli)*

Uma religiosidade que aproxima...onde as mulheres vão se repetindo, quase uma continuidade de corpos e vários embriões diferentes.

Entendo a Igreja como espaço-casa de encontro... Desde muito pequenas minhas dindas, minha vó e eu mesma aprendemos com as nossas famílias de mães-mulheres a sermos como estamos sendo. Quando digo isto penso como aprendi a partilhar tanto coisas concretas, comidas, doces, como também a própria viva.

Minha história está marcada pela presença de grupos de jovens, grupos de dança, projetos sociais. Há sempre muita gente em minha volta, pessoas diferentes. Nossas famílias são numerosas, o envolvimento como família é presente... Vó que é mãe dos netos, tia que é mãe dos sobrinhos, dindas que são mães dos afilhados...

Percebo que o compromisso religioso de minhas-mães-mulheres se metamorfoseou em compromisso social e em meu corpo em compromisso étnico e social.

Ao longo de minha vida acadêmica e profissional fui criando e buscando espaço para, quem sabe, construir outras relações. Diferentes das relações

hegemônicas existentes em nossa sociedade. Grupo de dança afro, movimento estudantil, movimento negro, projetos sociais.

Acredito que as *idéias-forças* de concepção de mundo: relações mais humanas e solidárias... E até mesmo mais autênticas e criativas foram gestadas neste feliz encontro no espaço-casa-Igreja

4.3 Silenciamento

Neste trajeto de pesquisa fiz a escolha de revelar os meus matriciamentos. Portanto, das matrizes, as posturas e da forma de viver de algumas mulheres, que estão presente-ausentes .. Parece que a história não é tão linear, e algumas imagens me fazem querer compreender o porquê de meu silenciamento. Assim busco na história:

Após a Lei Áurea, com a vinda dos imigrantes europeus, que passaram a ocupar o lugar dos trabalhadores negros na agricultura, indústria e comércio, foram as mulheres negras que continuaram trabalhando nas casas dos ex-senhores, que asseguraram a sobrevivência da família negra, já que os homens negros perderam seu trabalho e foram reduzidos à marginalidade...a mulher negra assume a responsabilidade de chefe da casa, pois consegue encontrar mais opções de trabalho: cozinhando, amamentando e criando os filhos dos patrões, vendendo quitutes nos mercados (RUFINO, 1993, p. 77-78).

Nas narrativas das minhas mães brancas aparecem as questões do preconceito e da discriminação, principalmente vividos no contexto da escola. E também percebo que as mulheres negras silenciaram tanto em suas narrativas, como também não se pronunciaram, porque falar da rejeição que se vive na pele e que é provocadora de desigualdades étnicas... Não é fácil de ser dito.

Discriminação sofrida pela minha Vó e os filhos, narrada pela dinda...

Levaram ela para o orfanato com os filhos. E lá ela passou muito trabalho, lá também teve muita discriminação! Até hoje a Neusa diz que tudo que faziam botavam a culpa nela, apesar, dela ser tirana. Então aquele tempo em que eu tive lá, aquele mês eu me lembro dela correndo no pátio. O castigo era correr no pátio em círculo e aí batia o sino que tava na hora da merenda... . (Mãe -dinda Neusa).

As lembranças são provocadoras...Lembrar é sentir...

Não me olha! Não gosto que me olhe, bom um pouco da tua história dentro da minha vida, é... Bom! Eu tinha 16 anos quando tive o meu primeiro namorado, que eu engravidei e tive a Raquel. **(Mãe).**

Passou fome e trocava ela na rua, neste tempo não tinha fralda descartável era fralda de pano. Eu me lembro que tinha uma possa de água assim, eu molhei a ponta da fralda, assim (mostrou). Assim a limpei ali mesmo, ela passou um monte de trabalho comigo, e aí fomos para Solidez onde me ajudaram a criar ela. Ficamos uns 3 meses e quando a gente voltou de lá ,ela ficou com as Müller. **Até os três anos eu tenho o que contar da Raquel depois eu não tenho.** (uma expressão de tristeza) **(Mãe).**

A mãe quando opta por deixar sua filha ser criada por outras mulheres tem inúmeros motivos, mas também tem o desejo de tê-la criado perto de si. Minha mãe expressa este viver e pensar quando começa a sua narrativa...a angústia da ausência da não-palavra, da história de vida que não está em sua boca, em sua memória...a dor e a felicidade de me ver criada...Sua filha.

Foi nós duas que escolhemos, e eu achei bom eu pensei que elas podiam ser umas pessoas suficientes assim, que tinham jeito para criar, para ser mãe de criação, já estavam criando. Eu disse convida elas, para madrinha, mãe de criação. A tua mãe não queriam deixar, ela não ia dar a filha dela e aí e eu disse: **-Elas são umas pessoas que podem criar direitinho. E assim foi até agora, tanto para criar como para o estudo... (Vó).**

O estudo sempre foi algo muito importante para minha Vó, era a forma de me proteger dos sofrimentos, ter acesso ao conhecimento legitimado pela sociedade e garantir uma vida melhor, menos penosa.

Nestes caminhos do processo de escolarização a sociedade revela a sua perversidade, através de práticas racistas e preconceituosas.

Foi quando a Neusa se deu conta já era setembro, que ela não sabia nada e estava sofrendo, tirou ela do colégio. **Ela perguntou não vou ficar burra? Eu não vou ser burra? (Mãe-Dinda Neli).**

E foi quando a Neusa descobriu que alguém tinha chamado de burra na escola, parece que foi a professora que disse: tu é burra mesmo. Fez todo um péquepé foi lá e fez, **resolveu o problema e decidiu tirar ela da escola... (Mãe-Dinda Neli)**

A escola para mim sempre foi importante, de certa forma eu reflito as premissas de minha Vó e o seu desejo. Vejo que a escola é tão importante que se transformou no meu desejo de ser professora, potencializados pela minha trajetória de vida...Ser professora com todas as dificuldades que existem, principalmente no que se refere a questão étnico-racial negra.

Seguem falando de minha vida estudantil e a presença do preconceito muitas vezes despercebido pelo o meu olhar infantil.

*A Raquel ficou 23 anos direto aonde mostrou um mundo de insegurança de um lado, muita certeza de outro. **O engraçado que a insegurança da Raquel veio no colégio na dificuldade de aprender, mas depois com ajuda da vó Maria lá na praia, que foi peça fundamental na vida estudantil da Raquel.** (Mãe-Dinda Neli).*

*Lembro que a Neusa dizia que preta velha era a mesma coisa que chamar de querida, minha pretinha e minha preta isto foi muito bom. Porque no primeiro dia que ela foi a aula no Cassiano, aonde hoje a gente tem certeza que ela sofreu muito preconceito e talvez por isso a sem se dar conta ela tivesse não aprendido...ela sofreu, era sofrimento...Um detalhe ela chegou em casa ela disse assim: “as minhas colegas me chamaram de querida assim como vocês me chamam. A gente perguntou por quê? Elas disseram olha lá a preta!!! **A gente sabia que era uma maneira de discriminar, mas felizmente para ela tinha sido uma maneira de chamar de querida que nem nós a chamávamos.** (Mãe-Dinda Neli).*

Em minha infância não sabia da minha história étnica. Só sabia que as pessoas de minha casa me amavam, e lá em minha família branca era gostoso ser chamada de preta, pretinha. Quando vou para escola saio do reduto familiar a realidade é mesma enfrentada por tantas crianças negras até hoje. O preconceito, a discriminação e a invisibilidade vivida na escola conferida aos afro-brasileiros.

Mesmo com todos os cuidados de minhas dindas a discriminação racial atropela...

A outro episódio muito interessante, foi uma vez eu fui com as três no centro. Entrei numa loja para comprar bota, bota de inverno para elas. E aí tava sentada com as três num banco de provar calçado, e aí uma senhora chegou e disse assim. Que bonitinhas? No caso a Ida e a Rosi. E aí disse: E esta? **Essa aí tá criando e já tá ensinando para ser empregadinha, para cuidar das outras.** Eu disse: Não, porque? Ela disse: É mais fácil desde pequena. Eu respondi: Não! Ela é minha filha! (Mãe dinda Neusa).

Agora eu lembro que alguns lugares não poderia entrar e gente sempre cuidou, sempre foi lei aqui em casa onde a Raquel não pudesse entrar nós não vamos também. ...e aonde a gente foi sempre levou ela junto, como nossa filha...(Mãe Dinda Neli)

A minha saída do silêncio e do anonimato tem muito a ver com a dança afro-brasileira. Ao dançar saio do anonimato...

Mas ela sempre foi muito retraída para dizer o que sente, a Raquel tem essa dificuldade de colocar para fora direto às coisas, ela guarda muito para ela, então a Raquel chorava só com os olhos, mas não dizia nada e lágrima correndo, ela não sabia nada. ...(Mãe Dinda Neli).

Nesta situação, a lembrança refere-se ao período escolar, reflete a realidade das crianças negras na rede de ensino, o choque da saída do meio familiar que acolhe para o meio social que nos rejeita e nega nossa história.

Seria relevante colocar que comecei a mergulhar nos estudos étnico-raciais, inicialmente com o meu corpo dançante. Após, na especialização com universo étnico negro na infância e adolescência. Atualmente, na escrita desta dissertação me vejo menos calada, o pronunciamento se dá em diferentes lugares, na escola, na universidade, na ONG Odara.

Percebo que saí do quarto, lugar onde ficava, lugar de meu pranto, quando o preconceito e a discriminação atropelavam minha vida. Fui para os palcos onde dançava minhas memórias de africanidade despertadas pela dança afro-brasileira. O meu corpo era minha grande boca de fala.

Minha ida para os palcos foi dando visibilidade ao corpo negro em movimentos. Fui percebendo a minha origem étnico-racial para além da cor de minha pele. Comecei a perceber a cultura afro-brasileira, inicialmente através da música e da dança. Elementos significativos para a africanidade, não como adornos ou mero acessórios de uma cultura, mas como marca do cotidiano, como ritual presente em diferentes momentos, tanto em África e conseqüentemente para os afro-brasileiros. Assim comecei a me reconhecer afro-brasileira. A evidência do corpo naquilo que se manifesta e fala de uma existência corporal: das desigualdades, que denuncia, um corpo contador de histórias. Diz verdades e realidades pela palavra corpo. Desta forma entendo a dança como re-ligação com a nossa ancestralidade africana, “a dança estava tão intrinsecamente ligada à cultura

do ancestral africano que, com certeza, poderíamos considerá-la como mais um órgão que tivesse em seu corpo "ASSIS apud FERNANDES, 1995, p.11).

Como profissional da educação percebo a importância de pensar e tematizar as questões que envolvem a africanidade, tão excluída, negada pela cultura européia é pouco anunciada como conhecimento pelos currículos escolares. Assim reafirmo este posicionamento nas palavras da autora:

Destaco ainda, que os profissionais da educação precisam discutir o racismo e seus próprios preconceitos, temas que, com frequência, não têm sido reconhecidos com legitimidade pedagógica. Encontro racismo e preconceito nas coisas da escola? Sim, e muito; e como poderia ser de outro modo? Estamos falando de uma instituição que busca homogeneidade (KRAMER, 1996, p.69).

Esta discussão é um compromisso político a ser vivido pela escola e por nós professores que temos esperança e buscamos o conhecimento como possibilidade de liberdade.

5 IMAGINÁRIO DAS MÃES-MULHERES QUE SE CORPORIFICAM NA DANÇA DA PROFESSORA NEGRA

Provavelmente, não valeria a pena produzir livros, se eles não ensinassem ao autor algo que ele não sabia antes, se não levassem a lugares imprevistos, se não dispersassem o sujeito rumo a uma estranha nova relação consigo mesmo. A dor e o prazer do livro devem ser uma experiência. (Apud Rajchman, 10-22)¹³.

Neste sentido concordo com o autor, não valeria a pena produzir dissertações, teses, trabalhos acadêmicos, se não fossem levados para outros rumos. De certa forma desconhecidos ou até mesmo adormecidos, dando assim espaço para o inusitado, o insperado. A certeza de ontem, ainda é certeza, mas não é única possível. É como ter a esperança, na desesperança, na incredulidade, criar novos credos. Menos dogmáticos, e mais mágicos, menos prisioneiros...Corpos que buscam liberdade e, ao mesmo tempo, a acolhida.

Imaginário de Mães-Mulheres... É útero e terra fecunda, símbolo que demarca a existência humana. O que vejo, ainda que de forma embrionário neste trabalho, é a não diluição do universo étnico e nem a redução mais ainda da nossa história, patenteando nossa vida a um outro grupo étnico. Hoje, neste percurso de dor e felicidade, vejo que cada momento vivido nesta investigação em mim mesma há um mergulho étnico e de feminino; quando digo desta forma não estou necessariamente me contrapondo ao meu não-idêntico, à medida que as mães-mulheres circulam no meu corpo. Tento me perceber me constituindo a partir destas diferentes pertenças, o que faço vai ao encontro das palavras de Maalouf (2004, p. 10):

A identidade não se compartimenta, não se reparte em metades, nem em terços, nem se delimita em margens fechadas. Não tenho várias identidades, tenho apenas uma feita de todos os elementos que moldaram, segundo uma dosagem particular que nunca é a mesma de pessoa para pessoa.

¹³ In Escrever é preciso: o princípio da pesquisa, 2001, p. 45.

Não é a oposição que me fará mais negra...A modernidade também não reconhece as diferenças, a diversidade cultural da humanidade, em seus etnocentrismos doentes, criam estereótipos, preconceitos, e massacram ainda hoje povos-nações inteiras.

A modernidade é uma dessas épocas que desemboca nos diversos totalitarismos que marcaram o século XX. Totalitarismo de raça, totalitarismo de classe, cujas conseqüências sanguinárias conhecemos. Podemos, igualmente, falar de um “totalitarismo” suave para caracterizar a assepsia da existência, da qual as sociedades ocidentais são um exemplo acabado. Na origem desses diversos totalitarismos, há uma paranóia: um racionalismo mórbido que busca uma explicação última (raça, classe, lei de mercado), e que rejeita tudo que não se submete a tal imposição. (MAFFESOLI, 2003, p.112).

Seria relevante colocar que ao longo do período que comecei a mergulhar nos estudos étnicos, foi inicialmente como aluna do grupo de dança na escola. Após, como pesquisadora da realidade étnico-negra na infância e adolescência. Como também minha militância no movimento negro, participando de fóruns, encontros, congressos e no Projeto Dandara e atualmente na Organização Não Governamental Odara—Centro de Ação Social, Cultural e Educacional. Percebo-me hoje, em minha dissertação, calada devido a estes percursos vividos. O pronunciamento acontece devido ao ato de me re-conhecer, o saber sobre a minha história.

Assim, considero relevante escrever sobre importância do Movimento Negro. Não podemos deixar de avaliar suas contribuições na criação de redes de preservação de valores da cultura negra ao longo da história, como expressa Oliveira (2002, p. 1).

Foram várias experiências educacionais que garantiram a alfabetização e o aumento do nível de escolarização da população negra.

Essas experiências iniciaram ainda no período da escravidão, sob a coordenação dos negros libertos alfabetizados e continuaram pós-abolição, tendo seu período mais intenso no início da década de 70. (apud OLIVEIRA, 2002).

Pereira¹⁴ (2003) afirma que o movimento negro se divide em Micro movimento político e institucional (Ongs, Projetos e outros) e o Macro feito pelo cidadão "comum" a todo o momento no cotidiano, na luta, e no conflito.

Posso pensar hoje a partir do acesso a várias leituras, não esquecendo que sou alguém extremamente privilegiado em relação a maior parte da população negra brasileira. Florestan Fernandes (apud OLIVEIRA, 2002) me ajuda quando diz que "estudar tornou-se para o negro, além de uma necessidade, um desejo tanto individual, como coletivo".

Neste meu percurso de escrita, buscar as narrativas, onde mulheres da minha vida falam contam um pouco da minha história na vida delas, muitas descobertas e surpresas se estabelecem. Digo estabelecem, porque ficam habitando a minha memória, aonde vou me recompondo. Um trabalho autobiográfico é carregado de dor... O desafio deste trabalho com este cunho metodológico. Assim, como afirma a autora:

A potencialidades do diálogo levaram-me necessariamente a uma reflexão entre duas realidades: a individual e sociocultural (Coletiva). Isso suscitou uma tomada de consciência de co-habitações de sentidos múltiplos num mesmo vivido, ou seja, um si-mesmo habitado por muitos outros; outros desconhecidos neles e fora deles (PERES, 2000, p. 128).

Quando trago a citação para um diálogo mais profundo penso que a cada palavra dita, frases... As mulheres-mães me fizeram e estão fazendo perceber que óbvio está dotado de complexidade de relações humanas que extrapolam a lógica...

Portanto, os meus retalhos-imagens foram compondo o meu modo de viver e estar no mundo. Como uma espécie de colcha de vários retalhos, harmonizam entre si.

A cada movimento das mãos no ato de costurar a colcha, o corpo-memória se desloca para ações vividas no passado. Em nossas ações guerreiras, nossos amores, nossas vaidades, nossos conflitos, nossa impiedade... Enfim, nossa vida que passa pelas nossas mãos, no ato de costurar/compor os retalhos-imagens sobre nós mesmas.

Os estudos do Imaginário me permitiram a construção de saber teórico de profundidade existencial, para pensar esta humanidade a partir de um olhar

¹⁴ A. M. Pereira Mestre em história da África, membro do Centro de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Cândido Mendes RJ. Em curso ministrado em 4 de abril de 2003 na cidade de Porto Alegre, no Projeto Universidade Livre, promovido pelo CECUNE Centro Ecumênico de Cultura Negra.

antropológico e filosófico. Produção do real por vias não diretas de categorização, mas pelo indireto simbólico de uma humanidade carente de esperança em si mesma porque ela por si só é plural e fluente...

A pesquisa possibilitou que reexaminasse minha própria história trazendo para este trabalho as diferentes pertenças que me compõem, sem trabalhar com os antagonismos, mas sim com as sincronidades que constituem a professora negra, a partir do olhar das mães-mulheres de minha vida.

Deste modo, esta pesquisa buscou, sobretudo a satisfação de descobrir como constituo minha "*identidade compósita*": mulher, negra, filha de criação, professora ressignificando sua africanidade a partir da dança. Hoje, me permiti através dessa escrita desvelar um pouco de nossa história étnica negra, sem a necessidade de matarem as minhas pertenças, mas tecendo com elas uma identidade complexa:

Quando me perguntam o que sou "bem no fundo de mim mesmo", isso pressupõe que existe, bem no fundo, de cada um de nós, uma única pertença que conta, uma espécie de verdade profunda de cada um, sua essência, determinada de uma vez por todas à nascença e que nunca se alterará: como se o resto, todo o resto – a sua trajetória de homem livre, as convicções adquiridas, a sua vida, em suma – não contassem para nada. (MAALOUF, 2002, p.46).

Assim, estas mães-mulheres a partir de suas falas foram me dando pistas, caminhos para compor esta colcha com suas vozes, seus sentimentos, seus desejos de vitória. Mafessoli (2003, p. 111) quando fala da vida refere-se à necessidade de um relativismo para expressar sua riqueza, no sentido: [...] que é composta por uma multiplicidade de elementos. Elementos que entram em sinergia uns com os outros, completando-se, neutralizando-se à vontade. Vida complexa e barroca feita de costumes que se organizam entre si.

Faço um mergulho nas diferenças para falar de suas humanidades sincrônicas. Mesmo que as formas totalitárias de poder possam ter mostrado outras imagens muitas vezes mais bruscas e desumanas.

Na escola, como professora, sempre me pronuncie, trazendo a cultura negra para o universo escolar em uma evidência de valoração, discutindo as questões das diferenças.

Acredito que possíveis revoluções para mim podem ser feitas em pleno silêncio... Claro que revolução, no meu entendimento, é uma trajetória longa de descobertas de si mesmo, em si mesmo e em muitos outros.

E a vida me ensinou que definir, pela premissa da oposição é lógica de viver na mediocridade de tolerância. Onde tolerar não tem nada a ver com, amar, ter esperança, ter sonho. Tolerar é suportar por algum tempo um incômodo infinito, é uma exclusão escamoteada, é vesti-la aparentemente de inclusão. E neste universo branco e negro que me constituí, na verdade não deixo de perceber a visibilidade presente na cor da minha pele. Ser negra é algo que se agarra com os olhos, é discurso no corpo, vivido nas desigualdades históricas. Não é fácil falar destas coisas e lidar com os meus demônios, não ter um lugar tão fixo assim, uma identidade étnica que surge no processo de colonização, se pensarmos que a identidade étnica se constitui na presença do outro, no caso os colonizadores. Sou uma afro-brasileira, mulher negra que olha a África como uma mãe – Uma grande Mãe que não me manteve no ventre de sua terra.

África, um continente com uma complexidade de relações que não pode ser reduzido ou pensado só quando se fala em escravização, o foco para África não pode ser somente este passado legitimado pelos proprietários da sociedade. Se perguntarmos para as crianças o que lembra a África, diriam, na maioria: de onde vieram os escravos!!! E as imagens em suas mentes é esta em grande parte. Esta representação social está colada em nossa pele, como marca que se faz em gado para dizer quem é seu proprietário.

Quando busco conceito de idéias-forças fico pensando que, se vasculharmos nossas vidas, veremos que nossas idéias-forças não são somente o lugar de um discurso, de uma etnia ou gênero, ou classe social.

Na obra *Os Meus Demônios*, trabalho autobiográfico de Morin (1995, p. 9) encontrei uma força de sustentação teórica para pensar, o que provoca, o que constituía minha vida, levando-a pensar o que penso. O autor, ao iniciar esta obra, diz: Deste modo, o meu projeto inicial pretendia, antes de mais, afirmar fidelidade a mim mesmo e às minhas idéias”. E foi isso que tentei fazer...

Minha fidelidade aos meus matriciamentos, ou seja, às minhas constituições, não são somente pela via do útero materno ou das relações próximas de parentesco ou proximidades afetivas, mas também pelo útero humano, pela visão, cosmovisão africana que perpassa minha vida.

Pintando-me para outrem, pinte em mim cores nítidas do que eram as minhas primeiras. Não fiz mais o meu livro do que meu livro me fez...Não viso aqui senão a descobrir a mim mesmo, que, por acaso, será outro amanhã, se nova aprendizagem me muda. (MONTAIGNE apud MARQUES, 2001, p. 44).

A pesquisa me possibilitou que reexaminasse minha história trazendo para este trabalho as múltiplas pertencas que me compõem, sem trabalhar com antagonismo, mas sim com as sincronicidades que constituem a professora negra, a partir do olhar das mães-mulheres de minha vida.

Apresentei isto no viver de minhas mulheres negras e brancas. O meu grande desafio foi vasculhar a idéia que os Imaginários das mães-mulheres que constituem minha vida possuem suas sincronicidades, mesmo em universos étnicos diferentes, mas que o reduto de mães-mulheres tem o apelo de uma existência.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org). **A Aventura autobiográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.

_____. (Org). **Histórias e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do CPdoc**- Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

APPIAH, K. A. **Na casa de meu: A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 1997.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi: revisão da tradução Rosemary Costhek Abilo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CADERNOS de Educação Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação, nº8, jan/jun. 1997-Pelotas: FaE/UFPel-Semestral.

DIAS, M. D. R. **Fanzine de poesias-Agó**. Pelotas: Produção Independente, 2002.

DURAND, G. **A imaginação Simbólica**. Tradução Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

EGGERT, E. **Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular**. Cadernos IHU Idéias. Ano 2, nº 13, 2004.

FERNANDES, E. **Representação sociais da cultura negra através da dança e de seus atores**. Dissertação. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho, 1995.

FERREIRA SANTOS, M. **Crepuscular**: conferência sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi. São Paulo: ZouK, 2004.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

KOUDAWO, F. **O nome África**: Origem e o Mito. Boletim de Informação Sócio-Econômica. INEP, n.1-2, mar-jun,1992.

KRAMER, S. **Questões Raciais e Educação entre Lembranças e Reflexões**. In Cadernos de Pesquisa. São Paulo Fundação Carlos Chagas, 1995, Maio, nº 93.

LACERDA, L. M. Tecendo Educação, Histórias, Escritas Autobiográfica. In **Refúgio do Eu**. M. T. S. CUNHA et al (org). Florianópolis: Mulheres, 2000.

MAALOUF, A. **As identidades assassinas**. 2ª. ed. Lisboa: Difel Difusão Ed. Ltda, 2002.

MACHADO DA SILVA, J. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MAFFESOLI, M **O Instante Eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

MARQUES, I. (org). **Dança, corpo e educação contemporânea**. Pro-Posições. Vol.9, n. 2[26]-junho/1998.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: O principio da pesquisa. 4ª. ed. Ijuí Ed. Unijuí, 2001.

MARRE, J. L. História de vida e método biografia. In **Cadernos de Sociologia/ Programa, Pós-graduação em Sociologia**. V. 3, n. 3, Porto Alegre: PPGS/UFRGS, jan./jul.1991.

MARTINS, L. M. O feminino corpo da negrura. In **Revista Palmares** 3. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Brasília, 2000.

MATTOSO, K. Q, PRIORE, D. M. (Org). O filho da Escrava. In: **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

MIGNOT, A. C. V. et al (org). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MORIN, E. **A Cabeça bem – feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução E. JACOBINA. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os meus demônios**. Publicações Europa-América, Ltda. Portugal, 1994-95.

MOTT, M. L. B. **A mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1998.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**: uma historia da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.

_____. **Um mundo novo em gestação**. Campinas: Verus, 2003.

NASCIMENTO, M. **Música Clube da Esquina II**.

OLIVEIRA, R. **O jovem negro e educação**: uma experiência de fortalecimento de auto-estima. In <http://www.mre.gov.br/revista/numero07//rachel>

OLIVEIRA, R. D. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PEREIRA, A. **História da África**. Coletânea de textos, 2002.

PERES, L. M. V. “Matriciamentos” que atravessam e sustentam nossos saberes científicos: leituras pela via do Imaginário in **Anais do Iº Congresso Internacional Sobre Pesquisa (Auto) Biográfica (Cd Rom)**. Porto Alegre: Editora PUC RS, 2004.

_____. **Dos Saberes Pessoais à visibilidade de uma Pedagogia Simbólica.** Porto Alegre: UFRGS (tese de doutorado), 1999, 167p.

_____. **Imagens da Infância:** A poética da aprendiz de professora. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPeL, 2002.

_____. **Imagens e imaginário:** a dimensão simbólica do vivido e do pensado na formação de professoras. In Cadernos de Educação Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação, ano, nº 18, jan/jun. 2002-Pelotas: FaE/UFPel.

_____. **Imagens-lembrança de professoras:** das intimações primeiras aos saberes professorais in Anais Da Anped Sul (Cd Rom). Curitiba: Editora PUCPR, 2004.

_____. **O imaginário científico sob a invocação de Gaston Bachelard:** Um trânsito entre duas vertentes epistemológica. PPGEDU/UFPel, 2003.

_____. **Significado o “não-aprender”.** Pelotas: EDUCAT, 1996.

_____. **Ser ou tornar-se mãe.** In EXPRESSÃO PSI. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; EDUCAT, v.3. N.1, abril/99.

PORTO, M. R. S. et al (Orgs). **Tessituras do Imaginário:** cultura e educação. Cuibá: Edunic/CICE/FEUSP, 2000. 248p.

PORTUGAL, F. **Yorubá a Língua dos Orixás.** 5ª. ed, Rio de Janeiro: Ed. Pallas.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RESTREPO, L. C. **O Direito à Ternura.** Petrópolis /RJ: Vozes, 1998.

ROUSSO, H. **A memória não é mais o que era.** In Usos e abusos da história Oral. FERREIRA, M. M. e AMADO J. et al (org). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RUFINO, A. Mulher Negra na Educação Popular - Suas especificidades dentro das questões gerais de gênero. In **Revista Contexto e Educação.** Nº30. IJUÍ: UNIJUÍ, Abr/jun, 1993.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, H. **Negro não é problema é solução**. In Caros Amigos. Ano IV-n. 69. São Paulo, dez 2002.

SILVA, J. R. **Parecer do projeto de dissertação**. 2005

_____. **Imaginário e Representações sobre o negro: implicações na educação**. In CADERNOS de Educação Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação, ano, nº18, jan/jun. 2002-Pelotas: FaE/UFPel-Semestral.

_____. Mulheres Caladas: **Trajetórias escolares de professoras negras, em Pelotas. Produção/Circulação de representações sobre os negros, na escola**. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2000. (Tese/ Doutorado em Educação).

_____. **Resistência Negra e educação: limites e possibilidades no contexto de uma experiência escolar**. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

SILVA, P. B. G. Chegou à hora de darmos a luz a nós mesmas-Situando-nos enquanto mulheres e negras. In **Cadernos CEDES 45: Histórias de Mulheres e Práticas de Leitura**. Ano XIX, nº 45, julho/98.

VERGER, P. F. **Lendas Africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1999.